

coreia do norte  
estado de paranoia  
paul french

Tradução de Maria João Trindade

 **DESASSOSSEGO**  
LIVROS PARA PENSAR

«Embora muitos dos relatos acerca da Coreia do Norte sejam hilariantes e, por vezes, até grotescamente cómicos, French seguiu o caminho oposto... [um livro] escrito com uma vívida confiança.»

DAVID PILLING, *Financial Times*

«Esta perspetiva lúcida da História moderna da Coreia do Norte está repleta de pormenores fascinantes. French descreve habilmente a ideologia e o sistema económico do país, assim como os seus esforços fortuitos de reforma, enquanto mostra porque é que os carteiristas roubam os crachás de Kim Il-sung, qual a posição do governo norte-coreano em relação aos piolhos e porque é que fumar pode ser um pequeno ato de resistência.»

LOUISA LIM, correspondente em Pequim, NPR

«Este é o ponto de partida mais acessível para qualquer pessoa que deseje compreender o reino eremita.»

KERRY BROWN, Universidade de Sydney

## SOBRE O AUTOR

**N**ascido em Londres e tendo estudado lá e em Glasgow, PAUL FRENCH viveu e trabalhou durante muitos anos em Xangai. É um especialista de renome no que toca à Coreia do Norte e um comentador e analista com uma obra amplamente publicada acerca da Ásia, tendo escrito diversos livros sobre a História da China até 1949 e sobre a política e temas atuais da Ásia. A sua bibliografia inclui uma História da Coreia do Norte, uma biografia do publicitário e aventureiro Carl Crow, de Xangai, e uma história sobre correspondentes estrangeiros na China. Em 2013, Paul recebeu o Prémio Edgar para Melhor Crime Factual, com o seu *bestseller* internacional *Midnight in Peking*.

**COREIA  
DO NORTE  
ESTADO DE PARANOIA**

**PAUL FRENCH**

# ÍNDICE

|   |            |
|---|------------|
| <b>PREFÁCIO O mito e a realidade do Estado da paranoia</b>  | <b>17</b>  |
| Agradecimentos  | 21         |
| Abreviaturas  | 23         |
| Uma nota acerca de ortografia e nomes   | 27         |
| Uma nota acerca dos números   | 28         |
| <b>INTRODUÇÃO A península paranoica</b>   | <b>31</b>  |
| <b>PARTE I A nação Juche: adorados líderes, ideias brilhantes, cortes de energia e prateleiras vazias</b> | <b>41</b>  |
| 01 Um dia normal em Pyongyang   | 43         |
| 02 O Estado Juche: teoria política na Coreia do Norte   | 69         |
| 03 A dinastia revolucionária: a liderança na Coreia do Norte  | 91         |
| <b>PARTE II A economia da Coreia do Norte: Chollima, batalhas de velocidade, ruína e fome</b>             | <b>115</b> |
| 04 Economia ao estilo de Pyongyang: comando e controlo  | 117        |
| 05 Os tempos mais difíceis: comida, fome e a árdua marcha   | 169        |
| 06 O início de uma espécie de reforma: mudança e sobrevivência do regime                                  | 197        |
| 07 A realidade da reforma: um estudo de caso de Sinuiju   | 233        |
| <b>PARTE III A diplomacia e o exército: relações externas, crise nuclear e defesa interna</b>             | <b>255</b> |
| 08 Não aticem a fera: relações EUA-RPDC   | 257        |
| 09 Ambições nucleares reveladas: fanfarronice, diplomacia arriscada ou batalha?                           | 285        |
| 10 Surge o «Exército Primeiro»  | 295        |

|  |            |
|--|------------|
| <b>PARTE IV Mudança, colapso e reunificação</b>                    | <b>315</b> |
| 11 Uma só Coreia: o sonho da reunificação                          | 317        |
| 12 Kim3: a dinastia continua                                       | 347        |
| 13 Como acabará a história?  | 355        |
| <b>CONCLUSÃO Continua a ser a armadilha mais perigosa do mundo</b> | <b>373</b> |
| Notas  | 385        |
| Bibliografia   | 419        |
| Índice Remissivo   | 429        |

## PREFÁCIO

### O MITO E A REALIDADE DO ESTADO DA PARANOIA

Não existe nenhum país no mundo como a República Popular Democrática da Coreia, ou Coreia do Norte. Tanto na América como na Europa, a reação ao país, quando sequer existe reação, fica repartida entre o nervosismo e a chacota. A maior parte das pessoas teria dificuldade em mencionar o nome de qualquer cidade do país, além de Pyongyang. Poucos de nós tiveram a oportunidade de conhecer um norte-coreano em pessoa. O local existe; está presente na nossa consciência, ocasionalmente nos nossos pesadelos e, de vez em quando, nas notícias — mas o que é esta coisa chamada Coreia do Norte?

Em pouco mais de um ano, as notícias vindas da Coreia do Norte tornaram-se cada vez mais bizarras. Noticiava-se que o líder do país, Kim Jong-un (filho do anterior líder, Kim Jong-il, e neto do fundador da nação, Kim Il-sung), teria executado o seu tio, um membro sénior da elite governante, atirando-o para o meio de lobos esfomeados. A Coreia do Norte chegou novamente aos cabeçalhos dos jornais pouco tempo depois, por ser suspeita de lançar um ciberataque embaraçoso e devastador contra um grande estúdio de Hollywood prestes a lançar uma comédia, *The Interview*, que satirizava Kim Jong-un. Por essa altura, foi anunciada a criação de uma comissão de inquérito por parte das Nações Unidas. Esta concluiu, em 2014, que a Coreia do Norte continua a cometer crimes contra a humanidade no seu sistema de campos de trabalhos forçados. Posteriormente, em maio de 2015, foi anunciado que Kim tinha ordenado a execução do seu ministro da Defesa. Só para garantir que esta expurgação interna chegaria às notícias internacionais, foi anunciado que o chefe do exército de dois milhões de homens da RPDC havia sido executado com uma arma antiaérea.

Sessenta e cinco anos após a declaração formal da fundação da RPDC, o país e os seus líderes continuam a baralhar, confundir e preocupar o resto do mundo. Sendo o último Estado estalinista, uma monarquia comunista,

o Norte vai-se arrastando pelo colapso económico, fome, repressão e isolamento (em grande parte, imposto por si próprio). É um Estado-Nação que parece existir num estado constante de paranoia — relativamente à Coreia do Sul, ao que julga serem os seus inimigos e às suas probabilidades de sobrevivência do regime. Ainda assim, existe como potência nuclear, capaz de ameaçar e persuadir o mundo. Como terá chegado a esta posição? Como sobrevive? Este livro é uma História da RPDC que procura explicar as mudanças de direção da ideologia do Norte, as razões por trás da desastrosa espiral descendente económica e agrícola e a sua aparente intransigência e beligerância no palco mundial.

Existem, pelo menos, duas Histórias da RPDC. Uma que podemos tentar compor através da escassa documentação disponível: a pobreza dos indicadores económicos e estatísticas que roçam o ridículo; os comentários dos líderes e diplomatas do país que podemos tentar analisar; os testemunhos dos seus refugiados e desertores; e as observações parciais, feitas pelos visitantes do Norte, sempre muito contidas e limitadas. Depois, temos a História oficial da própria RPDC — escrita e composta por Pyongyang, para consumo doméstico e internacional. Sendo que esta é uma mistura de hipérbole com lenda, mito e guionismo oficial.

No entanto, precisamos de ambas as Histórias, se queremos tentar sequer espreitar para o «Reino Eremita». Temos de tentar averiguar o verdadeiro estado da economia e sociedade da RPDC, de forma a tentar desvendar as maquinações, motivações e desejos que impelem o Norte, que o têm sustentado e que irão impulsionar o seu futuro.

Mas também precisamos da História oficial se queremos compreender a aparentemente bizarra, mas também crucial (e muitas vezes sentida), miríade de excentricidades da Coreia do Norte, que criam uma estranha atração por esta nação desconcertante que desperta a nossa curiosidade e, ao mesmo tempo, nos inquieta e assusta. As reações exageradas, públicas e em massa, do luto pela morte de Kim Il-sung, em 1994, e posteriormente do seu filho e herdeiro, Kim Jong-il, em 2011, a retórica estridente de independência e isolamento, o poder da filosofia local em vigor — o Juche — e a vitimização teatral da narrativa histórica do próprio Norte parecem remotos e estranhos para o mundo externo; no entanto, fazem sentido, se compreendermos a História da nação.

Os guionistas históricos estão constantemente a trabalhar, em Pyongyang. A imagem de Kim Jong-un está a ser desenvolvida atualmente, com o mesmo cuidado com que o foram os cultos de personalidade e os



legados oficiais do seu pai e do seu avô. A mensagem de continuidade, da luta constante e da necessidade da sobrevivência do regime continuam a ser verdades universais — «constrói um país rico e poderoso, um país do qual podemos ter orgulho e demonstrá-lo ao mundo».

No entanto, a Coreia do Norte mantém-se mergulhada na pobreza e no colapso económico. É indubitavelmente um Estado falhado — incapaz de alimentar o seu próprio povo sem uma constante ajuda internacional que chega a conta-gotas. Os norte-coreanos referem-se à sua própria História como uma «árdua marcha» e, de facto, tem sido bastante árdua para a sua população de mais de 24 milhões, desde que o país foi fundado nas ruínas da Guerra da Coreia. A forma como o Norte chegou a este ponto talvez nos dê algumas pistas acerca da direção que o país irá tomar e de como se irá desenrolar a História da RPDC no futuro. Os objetivos deste livro consistem em explicar essa História e tentar encontrar pistas para o futuro.

## AGRADECIMENTOS

Este livro é o culminar da observação da República Popular Democrática da Coreia (RPDC) durante vários anos e da escrita acerca do país, do ponto de vista comercial, para a minha antiga empresa Access Asia e diversas outras publicações. Convém mencionar no início que os nomes de muitas das pessoas que ofereceram ideias e experiências para este livro não podem ser mencionados. Tal é a natureza da RPDC, que conseguir vistos de entrada e desenvolver relações já é difícil o suficiente sem ter o nome associado a um livro que provavelmente não será recebido de braços abertos em Pyongyang. Essas pessoas sabem quem são e, espero, reconhecerão as suas contribuições. Naturalmente, quaisquer erros cometidos relativamente às informações que me providenciaram ou diferenças de interpretação são da inteira responsabilidade do autor.

Ainda assim, podemos mencionar algumas pessoas. Os agradecimentos iniciais são obrigatoriamente para os meus dois antigos colegas na Access Asia: Matthew Crabbe (que contribuiu com o título) e Chris Torrens; ambos partilham o meu interesse pela RPDC e contribuíram para os debates em volta da natureza inconstante do país. Ambos foram suficientemente atenciosos e pacientes para me deixarem dedicar-me a este livro. Devo agradecer também a Barry Colman, em Xangai, pelos seus comentários acerca da proposta inicial e pelas palavras de encorajamento.

Agradeço também a Joe Studwell e Arthur Kroeber, do *China Economic Quarterly*; Stephen Green, chefe da investigação *Greater China* no Standard Chartered; ao professor David Wall, da Cambridge University's School of International Relations; Andy Rothman, estrategista principal para a China, na CLSA; Hugh Peyman da Research-Works; e Tom Toback do *Pyongyangsquare.com*. Agradeço também a Mark O'Neill pelas observações acerca de Sinuiju e a Richard McGregor, do *Financial Times*, pela sua opinião acerca da RPDC.

Agradeço ainda a vários observadores de Pyongyang e da Ásia de Leste, incluindo Josh Green, Keith Bennett, John Swenson-Wright, da Cambridge University, e Aidan Foster-Carter.

A informação acerca da RPDC é, por si mesma, difícil de encontrar, mas foi facilitada pelos funcionários prestáveis da Shanghai Public Library, British Library, London Library, Hong Kong University Library, da biblioteca RIIA's, da London School of Economics Library, Russian State Library, Shanghai's Fudan University Library, Marx Memorial Library, em Londres, e da New York Public Library. Reconheço também o trabalho que o Nautilus Institute faz ao providenciar atualizações constantes e artigos pertinentes acerca da situação na RPDC ([www.nautilus.org](http://www.nautilus.org)), à CanKor pelo seu serviço de recolha de dados sobre a RPDC ([www.cankor.ca](http://www.cankor.ca)) e ao Pyongyangsquare.com pela sua base de dados de informação relacionada com a RPDC ([www.pyongyangsquare.com](http://www.pyongyangsquare.com)).

Por fim, agradeço ao editor sénior Robert Molteno, da Zed Books, em Londres, que foi dos primeiros a adotarem entusiasticamente este projeto, a Kim Walker por lhe dar continuidade, a Robin Gable e Lucy Morton por editarem o livro em várias versões, e a Jonathan Maunder pela publicidade e comercialização.

# ABREVIATURAS

|       |  |
|-------|--|
| ABQ   | armas químicas e biológicas  |
| ACF   | Action Contre la Faim (Ação Contra a Fome)   |
| ACM   | Associação Cristã da Mocidade  |
| ACNUR | Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados                             |
| ADM   | armas de destruição maciça   |
| ADRA  | Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência Internacional |
| AFTA  | Área de Comércio Livre da ASEAN  |
| AIEA  | Agência Internacional de Energia Atômica   |
| APEC  | Cooperação Económica da Ásia e Pacífico  |
| APS   | Assembleia Popular Suprema (RPDC)  |
| AREP  | Plano Ambiental e de Recuperação Agrícola  |
| ASC   | Área de Segurança Conjunta   |
| ASEAN | Associação das Nações do Sudeste Asiático  |
| BAD   | Banco Asiático de Desenvolvimento  |
| BERD  | Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento                              |
| BPC   | Banco Popular da China (banco central chinês)                                      |
| BVHK  | Bolsa de Valores de Hong Kong  |
| CA    | conselho administrativo (RPDC)   |
| CAP   | Processo de Apelo Consolidado (ONU)  |
| CBM   | medidas de criação de confiança  |
| CCTV  | China Central Television (emissora do Estado chinês)                               |
| CDMA  | acesso múltiplo através da divisão de código                                       |
| CFSAM | Avaliação da Produção Interna e das Necessidades Alimentares (FAO-PAM)             |
| CIA   | Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência, EUA)                 |
| CNN   | Cable News Network   |

|         |   |
|---------|---|
| CNKR    | Comissão de Ajuda a Refugiados Norte-Coreanos (RDC)                                 |
| Comecon | Conselho de Ajuda Económica Mútua   |
| CSRC    | Comissão Reguladora de Valores da China (regulador da bolsa de valores)             |
| DCRK    | República Democrática Confederada de Koryo  |
| EP      | empresa pública   |
| FAJ     | Forças de Autodefesa (Japão)  |
| FALU    | Unidade de Distribuição de Ajuda Alimentar  |
| FAM     | Ministério da Administração Alimentar (RPDC)  |
| FAO     | Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (ONU)              |
| FDRC    | Comité de Reabilitação dos Danos das Cheias (RPDC)                                  |
| FIFA    | Federação Internacional de Futebol  |
| FMI     | Fundo Monetário Internacional   |
| GNP     | Grande Partido Nacional/Partido Coreia Liberdade (RDC)                              |
| GSM     | Protocolo Digital para Comunicações Móveis  |
| HKSFCC  | Comissão de Valores Mobiliários e Futuros de Hong Kong                              |
| HPRS    | Sistema de Responsabilidade Doméstica (RPC)   |
| ICBM    | míssil balístico intercontinental   |
| IED     | investimento estrangeiro direto   |
| IRBM    | míssil balístico de alcance intermédio  |
| ISI     | Inter-Services Intelligence (agência de inteligência interna paquistanesa)          |
| KAL     | Korean Airlines (RDC)   |
| KCIA    | Korean Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência da Coreia, RDC) |
| KCNA    | Agência Central de Notícias da Coreia (RPDC)  |
| KEDO    | Organização para o Desenvolvimento Energético da Península Coreana                  |
| KGB     | Comité de Segurança do Estado (antiga URSS)   |
| KITA    | Associação de Comércio Internacional da Coreia (RDC)                                |
| KPA     | Exército Popular da Coreia (RPDC)   |
| KPAF    | Força Aérea Popular da Coreia (RPDC)  |
| KPN     | Marinha Popular da Coreia (RPDC)  |
| KPW     | won norte-coreano (moeda da RPDC)   |
| KSM     | Comité de Intercâmbio Coreano   |
| LLN     | Linha de Limite Norte   |
| LWR     | reator de água natural  |
| MOU     | Ministério da Unificação (RDC)  |

|       |  |
|-------|--|
| MPS   | Ministério da Segurança Popular (RPDC)                                     |
| MSDF  | Forças de Autodefesa Marítima (Japão)                                      |
| MTCR  | Regime de Controlo da Tecnologia de Mísseis                                |
| NDC   | Comissão de Defesa Nacional (RPDC)   |
| NEACD | Diálogo de Cooperação do Nordeste Asiático                                 |
| NEP   | Nova Política Económica (URSS)   |
| NHK   | Canal televisivo japonês de notícias                                       |
| NIE   | National Intelligence Estimate (Estimativas de Inteligência Nacional, EUA) |
| NKRAF | Fundo de Assistência aos Refugiados da Coreia do Norte                     |
| NME   | Novo Mecanismo Económico (Laos)  |
| NNSC  | Comissão Supervisora das Nações Neutras                                    |
| NPL   | Crédito malparado  |
| OCDE  | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico                  |
| OCHA  | Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários das Nações Unidas        |
| OMC   | Organização Mundial do Comércio  |
| ONG   | organização não governamental  |
| ONU   | Organização das Nações Unidas  |
| OPEP  | Organização dos Países Exportadores de Petróleo                            |
| PAM   | Programa Alimentar Mundial (ONU)   |
| PCC   | Partido Comunista da China   |
| PCUS  | Partido Comunista da União Soviética                                       |
| PDM   | Partido Democrático do Milénio (RDC)                                       |
| PIB   | Produto Interno Bruto  |
| PLD   | Partido Liberal Democrático  |
| PME   | pequenas e médias empresas   |
| PNUD  | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento                          |
| PTC   | Partido dos Trabalhadores da Coreia (RPDC)                                 |
| PVOC  | Consórcio de Organizações Voluntárias Privadas (EUA)                       |
| RAE   | Região Administrativa Especial   |
| RDA   | República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental)                      |
| RDC   | República da Coreia (Coreia do Sul)  |
| RFA   | República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental)                         |
| RMB   | renminbi (unidade monetária da China)                                      |
| RPC   | República Popular da China   |
| RPDC  | República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte)                  |
| RPR   | Partido Revolucionário para a Reunificação (RDC)                           |

|        |  |
|--------|--|
| S&P    | Standard & Poor's  |
| SARS   | síndrome respiratória aguda grave                            |
| SGA    | sociedade de gestão de ativos                                |
| SMS    | serviço de mensagens curtas                                  |
| SNCC   | Comité de Coordenação Norte-Sul                              |
| SPD    | Sistema Público de Distribuição (RPDC)                       |
| SSD    | Departamento de Segurança do Estado (RPDC)                   |
| SSE    | Bolsa de Valores de Xangai                                   |
| TMD    | Defesa Contra Mísseis (EUA)                                  |
| TNP    | Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares               |
| TPM    | partículas em suspensão total                                |
| TRT    | Movimento Equipas das Três Revoluções (RPDC)                 |
| UAE    | urânio altamente enriquecido                                 |
| UE     | União Europeia   |
| UNDHA  | Departamento das Nações Unidas para os Assuntos Humanitários |
| Unicef | Fundo das Nações Unidas para a Infância                      |
| UNSCOM | Comissão Especial das Nações Unidas                          |
| URSS   | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                  |
| USAID  | Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional |
| USDA   | Departamento de Agricultura dos Estados Unidos               |
| USFK   | Forças dos Estados Unidos na Coreia do Sul                   |
| ZDC    | Zona Desmilitarizada da Coreia                               |
| ZEE    | Zonas Económicas Especiais                                   |

## UMA NOTA ACERCA DE ORTOGRAFIA E NOMES

**E**m 1996, os representantes políticos dos países de língua coreana assinaram uma declaração em conjunto, com efeito a partir de 1998, acerca da reforma das regras de ortografia do coreano. Houve um período de transição até 2005, durante o qual a ortografia antiga e a nova coexistiram; desde então, só a nova se tornou válida. Diversos nomes de localizações sofreram alterações. Desapareceu a capitalização para indicar diferentes sílabas; desapareceram também os caracteres especiais para representar sons.

Em coreano, o apelido vem em primeiro lugar, seguido do nome ou nomes próprios. Esta prática é observada neste livro, com o nome próprio hifenizado; daí termos Kim Il-sung e Kim Jong-il. Uma exceção a esta regra é Syngman Rhee. Há também uma repetição extensa de determinados nomes de família, nomeadamente Kim, Park e Lee. Deve ter-se também em atenção que tradicionalmente as mulheres coreanas mantêm o nome de solteiras após o casamento; daí que o antigo Presidente da RDC, Park Chung-hee tenha sido casado com Yook Young-soo.

A ortografia dos nomes chineses segue o estilo *pinyin*<sup>a</sup> da romanização, como duas palavras em separado — por exemplo, Mao Zedong.

---

<sup>a</sup> Sistema de transcrição alfabética e fonética dos caracteres chineses, que usa os caracteres do alfabeto latino.



## UMA NOTA ACERCA DOS NÚMEROS

As estatísticas e os números da RPDC são pouco fiáveis e, na melhor das hipóteses, incompletos. O autor Joseph Bermudez, que escreveu um estudo acerca das forças armadas da Coreia do Norte, resumiu da melhor forma possível o que é escrever acerca do país, quando afirmou: «As palavras-chave “provavelmente”, “estima-se” ou “acredita-se” e “aparentemente” devem aparecer frequentemente em qualquer trabalho deste tipo.» Marcus Noland, um membro sénior do Institute for International Economics que escreveu exclusivamente acerca da economia norte-coreana, aconselha-nos sensatamente a «não confiar em quaisquer dados acerca da Coreia do Norte que incluam uma casa decimal». Este problema não é de hoje. Nos anos 1970, o antigo diretor da CIA Robert Gates descreveu a Coreia do Norte como um «buraco negro» e o «alvo de informação mais difícil do mundo». Na verdade, muitas estatísticas económicas, militares e de saúde continuam classificadas como segredos de Estado, enquanto todos os dados oficiais disponíveis são questionáveis, na melhor das hipóteses. Outro problema é que o sistema político da RPDC, por comparação, publica poucos documentos políticos e tem a tradição de se basear apenas em acordos orais, e não por escrito, ao lidar com organizações como ONG, o que significa que grande parte dos dados se torna impossível de verificar, visto que Pyongyang toma frequentemente decisões com base em estatísticas que se apoiam naquilo que é aceitável publicar, do ponto de vista político.

Há diversas razões pelas quais as estatísticas da Coreia do Norte são problemáticas. Nestas inclui-se o facto de que a metodologia estatística na RPDC raramente é explicada, e acredita-se que seja relativamente básica; que as economias centralmente planeadas normalmente têm estatísticas duvidosas; que a RPDC tem as suas próprias razões de segurança interna para não dar a conhecer todos os números a nível internacional; e que poderá haver alguns relatórios oficiais negativos para atrair ajuda externa. Além disso, a política continua a ser a força suprema na Coreia do Norte, incluindo no que diz respeito à recolha de estatísticas. Nos casos em que tal é possível, os problemas com a verificação de dados são explicados e as possíveis diferenças nos cálculos são comentadas no próprio texto.

Embora alguns dos números deste relatório sejam provenientes de fontes oficiais norte-coreanas, como a Agência Central de Notícias da Coreia e

o Departamento de Censura, são tratados com extrema precaução e comparados a estimativas de outras fontes, sempre que possível. Há diversas outras fontes que forneceram números acerca da RPDC, e todas elas nos aconselham vivamente a usar de extrema precaução. Estas fontes incluem a União Europeia (UE), as várias embaixadas e consulados em Pyongyang, as agências de ajuda internacional e ONG em funcionamento na Coreia do Norte, incluindo o Programa Alimentar Mundial e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, assim como o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Há também diversos acadêmicos chineses a observar a RPDC, assim como o Serviço Nacional de Estatística e o Serviço de Alfândegas da China, que fornecem alguns dados. Há ainda várias instituições internacionais, como as Nações Unidas, a Organização Mundial da Saúde, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, o Banco Asiático de Desenvolvimento e a Associação das Nações Unidas do Sudoeste Asiático, assim como diversas universidades e instituições acadêmicas, que conferem dados, a diversos níveis.

Os problemas agravam-se especialmente quando consideramos o estado e a gravidade da escassez de alimentos na RPDC. As ONG e as agências humanitárias continuam a não ter um acesso livre e ilimitado a todo o país e, apesar de terem feito alguns progressos, continuam, na sua generalidade, a não poder realizar visitas sem aviso nem monitorizar efetivamente os carregamentos aéreos desde a chegada ao país até à distribuição final; enquanto outros projetos são impedidos de recolher dados de seguimento para avaliar a sua eficácia.

Há também diversas organizações da Coreia do Sul a publicar dados acerca da RPDC; algumas das quais poderão ter os seus próprios interesses em inflacionar ou deflacionar os números. Entre estas, as que se consideram normalmente mais fiáveis são o Banco da Coreia e o seu North Korea Economic Studies Division<sup>b</sup>, o Ministério da Unificação, a Korea Trade-Investment Promotion Agency, o Korea Development Institute<sup>c</sup>, a Universidade Nacional de Seul e o Korea Rural Economic Institute<sup>d</sup>, assim como o National Statistical Office<sup>e</sup>. No Japão, o Institute of Developing Economies<sup>f</sup> da External Trade Organisation é também útil.

---

<sup>b</sup> Departamento de Estudos Económicos da Coreia do Norte (tradução livre).

<sup>c</sup> Instituto de Desenvolvimento da Coreia (tradução livre).

<sup>d</sup> Instituto Económico e Rural da Coreia (tradução livre).

<sup>e</sup> Instituto Nacional de Estatísticas Britânico.

<sup>f</sup> Instituto para as Economias em vias de Desenvolvimento (tradução livre).

Essencialmente, a RPDC não publicou quaisquer estatísticas fiáveis desde 1965. As que estão disponíveis são problemáticas; por exemplo, baseiam-se nos métodos de cálculo e estatística da era soviética ou — como é o caso dos números relacionados com o consumo alimentar — não contabilizam o desperdício (que é considerável) ou fornecem apenas níveis de produção agregados, que ocultam as discrepâncias nos diversos setores da economia. O declínio na publicação de estatísticas acelerou nos anos 1970, à medida que a estagnação se instalava, ao passo que na década de 1980, o país chegou ao ponto de ocultar totalmente a taxa de crescimento/declínio para a produção industrial e as estatísticas essenciais sobre a agricultura.

Todos os valores monetários são apresentados em dólares americanos ou nas divisas locais, de acordo com as taxas de câmbio em vigor nesse momento.

# INTRODUÇÃO

## A PENÍNSULA PARANOICA

PARANOICO: *adjetivo*. 1) caracterizado por ou com aparente paranoia; uma tendência da parte de um indivíduo ou grupo para a suspeita e desconfiança excessiva ou irracional relativamente aos outros. 2) Caracterizado por suspeita, tendências de perseguição ou megalomania.

**E**ste livro fala de um país — a República Popular Democrática da Coreia, ou RPDC. A Coreia do Norte ocupa 55 por cento da área total terrestre da península coreana, aproximadamente do tamanho do estado de Nova Iorque, e contém quase 25 milhões de pessoas.

É comum descrever a esquiva RPDC como «Reino Eremita», e isto contém indubitavelmente um fundo de verdade. O Presidente Clinton referiu-se à península coreana como a «última divisória da Guerra Fria» em 1997, enquanto o Presidente Bush incluiu a RPDC no Eixo do Mal durante o seu infame discurso de 2002. Quando soube que agentes da RPDC teriam admitido raptar cidadãos japoneses desde os anos 1960 até ao início da década de 1980, o então primeiro-ministro do Japão, Junichiro Koizumi, chamou à Coreia do Norte um país «vergonhoso».

A Coreia do Norte fechou-se efetivamente ao mundo exterior com a tomada de controlo por parte de Kim Il-sung, com a bênção de Estaline, após a Segunda Guerra Mundial. O Estado passou a ser visto essencialmente como um satélite dos soviéticos, embora isso fosse uma afirmação exagerada; embora durante a era da Guerra Fria Pyongyang e Moscovo parecessem próximos, existiu e continuou a desenvolver-se uma relação mais duradoura e, em muitos sentidos, com mais influência, entre Pyongyang e Pequim.

A Coreia do Norte emergiu neste século como uma relíquia do anterior. É efetivamente a única economia de comando de estilo estalinista não reformada que ainda subsiste, enquanto a maior parte das outras caiu ou

começou programas de reforma. Enquanto os outros Estados socialistas restantes tenderam para reduzir a sua capacidade militar nos anos mais recentes, a Coreia do Norte adere ainda, pública e abertamente, a uma ideologia de «Exército Primeiro», que coloca «o exército acima da classe trabalhadora».

De facto, é verdade que a história da RPDC foi, e continua a ser, uma de desvio da política internacional. O país mantém-se afastado da maior parte dos fóruns internacionais ou regionais, assim como se mantém fora do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Pyongyang segue o seu próprio caminho relativamente a muitos aspetos: desenvolveu a sua própria teoria política que abrange o estilo de vida norte-coreano, com a teoria Juche; utiliza o seu próprio calendário; até recentemente, mantinha muito poucos laços diplomáticos com nações estrangeiras. Poucos dos cidadãos do Norte, mesmo aqueles em posições privilegiadas, viajam para fora do país, e a nação limita o acesso aos meios de comunicação exteriores.

Enquanto a RPDC tem vindo a basicamente esquivar-se do mundo exterior e a seguir o seu próprio caminho, por sua vez, o mundo exterior tem vindo, até aos primeiros anos do século XXI, a essencialmente ignorar a Coreia do Norte, exceto em relação às agências de inteligência, e, desde meados da década de 1990, através de doações para lidar com a fome que avassala o país e a grave escassez de alimentos que persiste. O turismo na RPDC continua a ser de pequena escala, e as delegações comerciais raramente visitam o país.

A divisão desenhada na península coreana ao longo do paralelo 38, em 1953, mantém-se em vigor, sendo a fronteira entre as Coreias a mais militarizada do mundo. Dada a História da península e dos respetivos Estados, que cresceram desde 1953, é talvez perdoável um pouco de paranoia. No entanto, tem sido o destino do Norte ser a mais incompreendida das duas metades. As ideias erradas acerca da RPDC existem em abundância — esperamos que este livro não contribua para tal.

## **OBSERVADORES DO PLANETA PYONGYANG**

O antigo vice-presidente dos EUA e embaixador no Japão, Walter Mondale, comentou certa vez que, se alguém afirmasse ser especialista acerca da Coreia do Norte, estaria a mentir, ou então seria louco. No percurso de toda a História da RPDC, o papel dos observadores de Pyongyang tem sido um

pouco como o dos astrólogos: observar, em grande parte, do lado de fora, adquirir pedaços de informação e ocasionalmente conseguir acesso altamente restrito ao país em si. Os observadores de Pyongyang são uma raça estranha, invariavelmente repelidos e fascinados pelo país em si. Ficaram encantados com o acesso que os seus homólogos estavam a conseguir na observação do Kremlin e em comunidades sinológicas, baseando-se em pequenos fragmentos de discursos e declarações de conduta repletas de retórica, juntamente com outros excertos de informação que podiam ser ligados de forma a compreender o raciocínio e estratégia de Pyongyang.

Qualquer informação era valorizada, visto que o próprio país se fechava de forma eficaz aos observadores ocidentais. Apesar de não ser tão comum nos dias de hoje, o país costumava descrever-se a si mesmo como um «paraíso» nos impetuosos dias dos anos 1960 e início da década de 1970, quando o desenvolvimento era rápido e antes de a estagnação económica, a fome e o isolamento se terem instalado por um longo período.

Isto levou a um excesso de termos qualificativos para descrever o Norte. O país é invariavelmente autárquico, esclerótico, esquizofrénico, orwelliano, anacrónico, um Estado suicida ou pária. Em parte, todos estes epítetos estão corretos, mas não ajudam muito a compreender o país, a sua História, o seu povo, as suas políticas e economia. A insistência por parte da Coreia do Norte em posicionar todas as questões num contexto histórico leva a que o país pareça uma entidade fixa; no entanto, a sua imprevisibilidade faz dele um festim em movimento para aqueles que estudam as políticas da Ásia Oriental. Também é verdade que as constantes referências do regime ao passado — à Guerra da Coreia, à ocupação japonesa da península, à retirada da ajuda soviética e ao imperialismo americano — fazem a RPDC parecer um país com passado, mas sem futuro. Também aparenta estar a cometer suicídio, sem soluções económicas de relevo para a sua estagnação industrial e agrícola, com tentativas fragmentadas de reforma económica, uma política diplomática beligerante e um sistema político rígido que é mantido apesar da fome e do colapso económico. Neste sentido, a Coreia do Norte é prisioneira da sua própria História e aparentemente não tem forma de sair deste ciclo de declínio e colapso.

Muitos, entre eles o governo dos EUA, acreditaram que, se deixada por sua conta, a Coreia do Norte irá simplesmente implodir. Talvez seja verdade, mas o mesmo foi dito no fim da década de 1980, quando a URSS e o Bloco do Leste caíram, cortando a corda de segurança económica de Pyongyang, e novamente a meio dos anos 1990, quando Kim Il-sung morreu e, mais

uma vez, quando o seu filho e herdeiro Kim Jong-il faleceu. Tal não aconteceu. Adicionalmente, deixar que a RPDC impluda por sua conta não é uma estratégia que a maior parte dos poderes regionais e internacionais possam seguir. Além do óbvio problema dos direitos humanos, de permitir que um país morra à fome sem ajuda humanitária, os poderes regionais enfrentam outros problemas — os sul-coreanos têm um vizinho instável, os chineses têm um potencial problema de fluxo de refugiados em massa, e o Japão é vizinho de um «Estado nuclear instável».

De alguma forma, é necessário lidar com a Coreia do Norte, seja através do envolvimento ou contenção — um debate que ainda continua nos EUA. Entretanto, a última divisória da Guerra Fria mantém-se ao longo da Zona Desmilitarizada (ZDC), onde um milhão de soldados norte-coreanos enfrenta 700.000 soldados sul-coreanos e 28.500 dos EUA. Como diria o ditado dos militares americanos, «não existe “D” na ZDC».

As crises nucleares mais recentes têm sido despoletadas pela decisão de recomeçar o programa nuclear, por parte de Pyongyang. No entanto, essa decisão baseou-se na recusa prolongada dos EUA em obedecer ao único acordo internacional alguma vez assinado pelos dois países — o chamado Agreed Framework, de 1994. O acordo nunca foi levado a sério por Washington e, ao que parece, Pyongyang chegou à conclusão de que o cancelamento dos carregamentos de petróleo previstos em dezembro de 2002, e a chegada tardia de dois reatores para uso civil prometidos por parte da Organização para o Desenvolvimento Energético da Península Coreana (KEDO), constituíram uma retirada efetiva desse tratado, deixando a RPDC sem escolha, a não ser retaliar. Deve ser mencionado que nenhum dos países que demonstram preocupação acerca o problema atual, incluindo a China e a Rússia, achou de relevo mencionar a questão da responsabilidade dos EUA ou, como mencionou um comentador, «vê algo de malicioso na recusa dos EUA em honrar os seus compromissos».<sup>1</sup>

## REFORMA HESITANTE

Na primavera de 2002, a Coreia do Norte começou um hesitante processo de reforma económica que atraiu a atenção de muitos forasteiros para o país. O ano de 2002 certamente tinha prometido ser diferente e mantém-se, até hoje, como a tentativa de reforma mais séria por parte da Coreia do Norte. Tradicionalmente, o governo de Pyongyang anuncia os seus vastos

objetivos políticos no Ano Novo, através da agência de notícias estatal, a KCNA. Fala-se invariavelmente de crescimento económico e da melhoria das relações internacionais, mas em 2002 assistiu-se a um tom consideravelmente mais estridente a emanar do reino eremita. O editorial expressava interesse na abertura ao mundo exterior e na modernização da economia, anunciando uma nova era de «avanços, grande viragem e ampla abertura».

Pyongyang indicou várias formas para o país o fazer, incluindo:

Restrukturar a economia através da melhoria das infraestruturas existentes e do desenvolvimento de tecnologia atual, em particular nos setores da energia, carvão, indústria metalúrgica e transportes de caminhos de ferro; implementar a Declaração Conjunta Norte-Sul de junho de 2002; melhorar as relações com o mundo exterior e fazer uma contribuição positiva para a independência e paz global.

Para cumprir estes objetivos, o governo tinha anunciado previamente um orçamento para 2001, no valor de 9,9 mil milhões de dólares americanos; cerca de três por cento acima do valor de 2002. Era possível que a paranoia estivesse prestes a dar lugar a uma erupção reformista. Em última instância, pouco mudou e, subsequentemente, muitas das reformas anunciadas foram revertidas. Apesar de tudo, 2002 mantém-se como a mais clara indicação de possibilidade de mudança na RPDC que alguma vez foi vista.

## **O PROBLEMA DA ECONOMIA DE COMANDO**

A tese central deste livro é que a RPDC é um Estado falhado e consequentemente suscetível a tornar-se instável, caso não haja um envolvimento entusiasta e estratégico. O principal motivo para o fracasso da RPDC não é o facto de ser governada por uma liderança obcecada pelo culto da personalidade ou ser um Estado de um partido único completamente desprovido de democracia — embora nenhuma destas trivialidades acerca da Coreia do Norte tenha ajudado ao seu desenvolvimento — mas o facto de aderir ao conceito falhado de uma economia de comando socialista de inspiração soviética, que insiste num sistema de planeamento central. Como Dennis O’Hearn mencionou,



O estilo soviético de planeamento centralizado nem é planeamento *socialista*, nem sequer planeamento eficaz. Sendo que não é um planeamento socialista nem democrático, as preferências da sociedade (e muito menos as dos indivíduos) não são atendidas... Como resultado, o plano não é eficaz — sendo violado em todas as fases da economia.<sup>2</sup>

Os problemas que subsistem na Coreia do Norte — a constante escassez alimentar, os gastos militares excessivos, a base industrial e infraestrutura em declínio, a propagação da filosofia Juche segundo a qual o país se rege, a doutrina Exército Primeiro — são todos subordinados da existência de um Estado planeado centralmente e uma economia que cedeu sob o peso das suas próprias contradições. O colapso industrial, uma política agrária falhada, a fome e os níveis exorbitantes de gastos militares ocorrem num contexto político intensificado na Coreia do Norte, através da natureza abrangente do planeamento económico.

Qualquer tentativa de reforma económica, através da introdução de elementos de mercantilização e mercantilismo estão destinados a falhar, enquanto a economia de comando continuar em vigor e se mantiver dominante. Sob este sistema, uma RPDC com ou sem Kim (1, 2 ou 3) ou armas nucleares não sobreviverá, exceto através das contribuições a conta-gotas provenientes da ajuda internacional. As contradições inerentes à economia de comando, consagradas na mistura filosófica de Marxismo-Leninismo, Maoísmo, Confucionismo e herança tradicional coreana que é o Juche, não conseguem dar origem a uma transformação de enriquecimento sem abandonar a sua teoria económica central. O país não pode rejeitar esta teoria económica sem admitir o fracasso do Juche e do regime criado por Kim Il-sung (Kim1), Kim Jong-il (Kim2) e pelo atual herdeiro Kim Jong-un (Kim3). Visto que o culto de personalidade se baseia na infalibilidade dos três líderes, qualquer reestruturação verdadeiramente radical da economia para lidar com a atual espiral de declínio destruiria a legitimidade da elite governante e levaria a que esta perdesse o Mandato dos Céus.

Fundamentalmente, a extinção da URSS não se deveu a Gorbachev, ao legado das expurgações de Estaline ou à desestalinização de Khrushchev, mas sim ao fracasso por parte da economia de comando em providenciar crescimento económico e prosperidade. Na Europa de Leste, os líderes impulsionados por cultos de personalidade caíram, desde a Rússia

até à Albânia. O mesmo aconteceu noutros locais — o Iraque de Saddam Hussein ou a Líbia do coronel Kadhafi. Mais uma vez, acabou por ser a incapacidade da economia de comando em providenciar taxas de crescimento e qualidade de vida equivalentes às da Europa Ocidental o que fez tombar os regimes da Europa de Leste. No bloco da Europa de Leste e na União Soviética, a única justificação que os regimes governantes usavam para manter a sua posição — a elevação do estatuto da classe laboral — não foi atingida, visto que o sistema económico não tinha capacidade de crescimento. A China apercebeu-se disso e, de certa forma, também outros Estados com uma economia de comando, como o Vietname e Cuba, onde os regimes políticos rígidos começaram a desviar-se do plano económico administrado de forma política, para compensar a preservação da legitimidade dos Partidos Comunistas governantes, com economias mais mistas e liberalizadas. Onde esta mudança é real, como nas cidades costeiras da China, os regimes governantes conseguiram manter-se dominantes ao mesmo tempo que providenciaram o crescimento. Nessas regiões, como, por exemplo, as províncias do interior e as regiões oeste da China, onde as reformas aparentam ser mais ilusórias e a economia de comando por vezes ainda domina, a legitimidade do Partido é mais frágil.

Na última década, o mundo assistiu a três estratégias diferentes, mas interligadas, utilizadas pela Coreia do Norte para tentar manter a legitimidade do regime governante, obrigar a concessões por parte de outros países, garantir o fluxo vital de ajuda e tentar ressuscitar a economia. Estas estratégias emergiram como um processo hesitante de aproximação diplomática com os poderes regionais, de forma a conseguir uma normalização das relações. Seguiu-se um programa de reforma económica extremamente limitado, que eventualmente falhou e levou, por fim, à reafirmação da teoria Exército Primeiro e ao seu programa irrelevante de armas nucleares, que Pyongyang usou como margem de manobra nas negociações internacionais, dando também prioridade às questões militares, de forma a garantir a sobrevivência do regime.

## **COREIA DO NORTE: PENÍNSULA PARANOICA**

Este livro está estruturado de forma a providenciar ao leitor uma ideia da sociedade, filosofia, economia e possível futuro da RPDC. O Juche (autosuficiência), a teoria predominante na Coreia do Norte, combina política,

economia e controlo social numa só filosofia. Como tal, para compreender a falha básica da nação, temos de ter em consideração todos os elementos da sociedade e não podemos separar a política da economia nem do desenvolvimento social. Na Coreia do Norte liderada pelo Juche, todos estão planeados, interligados e em colapso, enquanto a política continua a ser suprema.

A primeira parte deste livro mostra um olhar sobre a sociedade que os sessenta e cinco anos da Coreia do Norte criaram. O dia a dia, a sua estrutura, rotina e propósito são incompreendidos fora do país, e ainda menos será a natureza desta sociedade altamente politizada que chega às mais pequenas particularidades do quotidiano. Segue-se uma análise ao Juche e às suas raízes teóricas, «emprestadas» de outras filosofias e tradições mais abrangentes, tais como o Confucionismo e o pensamento tradicional coreano. Visto que o Juche procura sustentar teoricamente a posição de Kim Il-sung, Kim Jong-il e agora Kim Jong-un no topo da sociedade e perpetuar os respetivos cultos de personalidade, a teoria em si será examinada com algum detalhe.

A segunda parte do livro diz respeito ao sistema económico da RPDC. Embora a Coreia do Norte mantenha uma economia de comando ao estilo de Estaline, adaptou certas doutrinas da economia planeada às suas necessidades e requisitos. Assim sendo, a economia da RPDC é examinada em contraste com os modelos soviético e chinês, em termos das suas semelhanças e diferenças, influências adaptáveis e caminhos divergentes para o desenvolvimento. No centro do fracasso da economia planeada da RPDC tem estado a incapacidade, já há duas décadas, de se alimentar. Esta falha no setor agrícola acentua a incompatibilidade da forma de agricultura coletivizada da economia de comando, revelando também um contínuo fracasso no objetivo de autossuficiência apregoado pelo Juche. Consequentemente, tanto a fome como a falta de capacidade de reformar a fundo o setor agrícola refletem gravemente o fracasso do sistema na Coreia do Norte e o seu custo humano. Como tal, há uma discussão acerca do sistema agrícola da Coreia do Norte e uma análise às causas de raiz da fome e os seus efeitos na nação, assim como aos esforços contínuos das ONG e de Pyongyang em resolver a crise alimentar. Aqui levantam-se duas questões cruciais. Em primeiro lugar, como é que o sistema agrícola e económico da Coreia do Norte atingiu um ponto de colapso a que se seguiu a fome generalizada? Em segundo lugar, porque é que o governo falhou de tal forma em lidar com a fome que um país orientado pelo Juche foi obrigado a pedir ajuda internacional?

Como já indicámos, em 2002, deu-se início a uma espécie de programa de reforma económica. Os princípios básicos deste processo de reforma e o seu fracasso serão analisados. Este programa incluía tanto a reforma do controlo do processo de distribuição na economia de comando, que ao longo da História do país implicou quase sempre o racionamento como a maior forma de distribuição de bens e alimentos, como também reformas financeiras destinadas a incentivar a atividade económica. Os resultados, tendo em conta que estas eram medidas relativamente insignificantes a ocorrer dentro de um sistema político rígido, deixaram bastante a desejar; o processo foi essencialmente de fraca execução e levou a mais empobrecimento e um subjacente declínio da economia, além de causar possivelmente um enorme conflito no regime governante da altura, entre Kim Jong-il e os militares — conflito esse que continua, sob a liderança de Kim Jong-un.

Houve também tentativas por parte do governo de seguir o caminho dos chineses mais abertamente e acolher o investimento exterior, essencialmente pela criação, em 2002, de uma zona económica no Norte do país, em Sinuiju. Esta experiência foi um absoluto desastre e revelou uma quase total falta de compreensão de Pyongyang em relação a questões económicas, política orçamental, regras de procura e oferta, ou às práticas de comércio internacional. Este episódio é explorado em detalhe e é ilustrativo dos problemas profundos que quaisquer reformas postas em prática dentro da atual estrutura de economia de comando iriam necessariamente implicar.

O desenrolar da crise nuclear é discutido com algum detalhe, visto que envolve as relações da RPDC com os seus aliados mais próximos, a China e a Rússia, assim como a Coreia do Sul e o Japão. As relações entre a RPDC e os EUA são postas em consideração no contexto do fracasso contínuo e histórico dos EUA em conter ou enfrentar a RPDC. Washington acabou por desenvolver uma política que fica a meio-caminho e que seria seguida por todas as administrações presidenciais norte-americanas seguintes, incluindo a administração Obama. Historicamente, tem havido uma falha política por parte dos EUA em lidar tanto com Pyongyang como com Seul. A política norte-americana relativa à península sempre foi — e continua a ser — de reação e não de antecipação, de cedências de última hora em vez de uma consideração mais aprofundada.

A subsequente reafirmação da linha Exército Primeiro é discutida com algum detalhe, como uma grande mudança política em sequência do fracasso dos planos do regime, primeiro de envolvimento e seguidamente de reforma. Isto obriga a um debate acerca do papel, tamanho e capacidades

do Exército Popular da Coreia (KPA) tendo em conta a sua reafirmada posição fulcral na sociedade.

A parte final do livro atenta a possíveis futuros para a RPDC, através da proposição de vários cenários de mudança, assim como pela consideração de uma possibilidade de unificação das Coreias. A divisão da península coreana há mais de sessenta anos tem constituído um dos confrontos mais tensos dos tempos modernos. Esta divisão afetou a forma e capacidade de desenvolvimento de ambas as Coreias, as suas alianças na Guerra Fria e, conseqüentemente, os seus sistemas económicos, relações internacionais, desenvolvimento social e psicologias nacionais.

# **PARTE I**

**A NAÇÃO JUCHE: ADORADOS LÍDERES,  
IDEIAS BRILHANTES, CORTES DE  
ENERGIA E PRATELEIRAS VAZIAS**

# 01

## UM DIA NORMAL EM PYONGYANG

A capital da Coreia do Norte continua a ser um dos lugares menos conhecidos do mundo. Durante mais de meio século, o governo da RPDC geriu cuidadosamente a disponibilidade de imagens e relatos de Pyongyang, o que significa que, para quem está fora do país, esta continua amplamente desconhecida. As imagens de Pyongyang que surgem são cuidadosamente encenadas e normalmente refletem apenas procissões ou desfiles altamente organizados, durante acontecimentos cerimoniais. A vida dos habitantes comuns raramente — ou de todo — é mostrada. De forma semelhante, no resto do país, Pyongyang é mostrada pelos meios de comunicação do Estado como a capital da revolução; daí que muitos norte-coreanos também tenham poucos conhecimentos acerca da realidade da existência diária na capital.

Esta falta de familiaridade com Pyongyang contribuiu muito para esconder a natureza do quotidiano na capital. Em Pyongyang, a vida é extremamente assente na política e no regime; no entanto, cada vez mais, à medida que a economia tem vindo a entrar em colapso e a escassez de alimentos continua, a atenção tem-se centrado na sobrevivência diária, em lidar com as carências e manter algo semelhante a uma vida normal.

### **PYONGYANG: A CAPITAL DA NOSSA REVOLUÇÃO**

O dia começa cedo em Pyongyang, a cidade descrita pelo governo como a «capital da revolução». Os norte-coreanos levantam-se por volta das seis horas, vestem-se e vão para o emprego, aonde muitos chegam por volta das sete e meia. A maioria dos habitantes de Pyongyang (o nome da cidade significa «terreno nivelado») vive em edifícios altos, erigidos à pressa, ao

longo dos sessenta anos após o fim da Guerra da Coreia. Os quarteirões estão alinhados ao longo das avenidas amplas da cidade e albergam a maioria da população de mais de 2,5 milhões de pessoas. Os blocos de apartamentos — que foram erigidos rapidamente para albergar uma gigantesca população sem abrigo e devastada pela guerra — e os poucos blocos de escritórios começam agora a mostrar sinais da sua idade. Na sua maioria, foram construídos nos anos 1960, quando Pyongyang estava em reconstrução, depois de ter sido praticamente destruída pelos bombardeamentos norte-americanos durante a guerra. Ainda há algumas estradas estreitas, de sentido único, e algumas de duas faixas, embora a maior parte das ruas sejam avenidas de edifícios altos e uniformemente utilitários — aquilo que o fundador da nação, Kim Il-sung, gostaria de considerar o traço distintivo de uma cidade do futuro. A necessidade de reconstruir rapidamente Pyongyang, provocada pela guerra, e a linha de conduta política de instalar muitas populações rurais em cidades e vilas deram à Coreia do Norte uma densidade populacional relativamente alta, de aproximadamente 185.000 pessoas por quilómetro quadrado — o semelhante a Itália ou Suíça.

Aqueles que vivem em pisos mais elevados talvez tenham de sair para o emprego ou para a escola um pouco mais cedo do que os que vivem em pisos mais baixos. Devido às constantes falhas de energia que afetam toda a RPDC, muitos elevadores em edifícios de apartamentos deixaram há muito de funcionar ou funcionam apenas de forma intermitente. Visto que muitos dos edifícios têm entre vinte e quarenta andares, isto é inconveniente. Em geral, é mais problemático para os habitantes mais idosos, que têm dificuldades com as escadas. Muitos cidadãos idosos estão efetivamente presos nos seus apartamentos; há histórias de pessoas idosas que, depois de se terem mudado para as suas casas, nunca mais conseguiram sair. Mesmo nos melhores blocos de apartamentos, os elevadores podem funcionar esporadicamente, pelo que as pessoas simplesmente não arriscam. As famílias fazem grandes esforços para mudar os seus parentes mais velhos para pisos inferiores ou para casas térreas, mas isso não é fácil e, por vezes, é necessário um suborno.<sup>1</sup> Com uma escassez de alimentos agora constante, muitas pessoas idosas partilham as suas rações parcas com os netos, ficando ainda mais fracas, o que torna ainda mais assustadora a ideia de subir as escadas.

O aquecimento também é um problema. Na sua maioria, os edifícios de apartamentos são aquecidos por caldeiras, e as casas térreas por briquetes de carvão. Contudo, se o fornecimento de eletricidade for cortado — o que é algo comum, tendo em conta a constante crise energética —, não



haverá aquecimento disponível. A maioria dos habitantes passa o dia com a roupa de inverno vestida e até dorme com ela. As pessoas que conseguem obter penas de pato ou de galinha usam-nas para fazer colchas quentes para sobreviverem aos invernos gélidos.

Todos os dias, as pessoas falam com os vizinhos acerca do estado atual da eletricidade. Às vezes, uma grande parte da cidade de Pyongyang utiliza um sistema de «suspensão alternada do fornecimento de eletricidade», o que significa que, quando os edifícios de um dos lados da rua estão às escuras, os do outro lado recebem energia. Os vizinhos controlam a situação, enviando muitas vezes crianças ou parentes mais idosos para verem televisão no apartamento de um amigo, do outro lado da rua. Quando chega a hora da alternância do fornecimento de energia, há uma corrida louca de crianças, que se dirigem para os apartamentos dos amigos, do outro lado da rua. Até os edifícios «com prioridade»<sup>2</sup> podem sofrer estas interrupções de fornecimento; esta era uma situação comum no final dos anos 1990 e, hoje em dia, também acontece ocasionalmente.

Os apartamentos sem energia usam velas ou candeieiros de querosene ou carboneto, embora muitas famílias sejam demasiado pobres para poder comprar estas fontes de energia alternativas, que de qualquer forma são escassas e relativamente caras. Os que têm acesso a divisas e contactos estrangeiros talvez tenham uma bateria para fornecer eletricidade e, como tal, evitam o lado pior dos cortes de energia, mas terão de gastar dezenas de wonns norte-coreanos (KPW) para obter uma. Alguns apartamentos e casas não têm o problema dos cortes de energia constantes, nomeadamente as dos quadros mais antigos do partido (definidos como acima do nível secretarial do partido principal), os guardas dos líderes e o pessoal sénior do exército. Por outro lado, nunca há cortes de energia, por exemplo, na estátua Mansudae, na Torre Juche ou nas margens do rio Taedong, que atravessa o centro de Pyongyang, ou nos inúmeros sinais de néon com propaganda no cimo dos edifícios. Pelo menos, os habitantes de Pyongyang podem consolar-se com o facto de a situação fora da capital ser sempre muito pior.

## UM TETO PARA NOS ABRIGAR

A preocupação com o fornecimento de eletricidade significa que temos uma casa ou apartamento, embora a privacidade nem sempre seja garantida. Em Pyongyang, é comum dois agregados familiares terem de partilhar

um espaço. Para uma família pequena numa casa com três quartos, não é invulgar mudar-se para lá alguém da mesma idade. Embora as pessoas não gostem de abdicar do valioso espaço para morar, a decisão cabe muitas vezes à unidade de trabalho. Por toda a Coreia do Norte, há uma grave escassez de casas e apartamentos, especialmente em Pyongyang. De acordo com o Livro Branco sobre Direitos Humanos na Coreia do Norte<sup>3</sup>, do Instituto Coreano para a Reunificação Nacional, a oferta de alojamento na RPDC corresponde a cerca de 56 a 63 por cento da procura. Toda a habitação é distribuída pelo Estado, e a sua qualidade e localização dependem do estatuto social — o sistema de classificação social da RPDC, com 51 níveis políticos, atribui a todas as pessoas um lugar na hierarquia nacional. Com uma população em crescimento, a lotação excessiva não estará a melhorar.

Em Pyongyang, um casal recém-casado pode esperar dois a três anos para receber um apartamento de um quarto, anexo a uma cozinha comum. Muitos recém-casados continuam a viver com os pais de um deles, durante uma década. A forma mais rápida de fugir a esta situação é ter um contacto no departamento de atribuição de habitação, que está sob a jurisdição do Departamento de Gestão Urbana do Comité Popular, que gere a atribuição de alojamentos. Para os quadros do Partido dos Trabalhadores da Coreia (PTC), é o quartel-general do partido que atribui a habitação. Os membros mais antigos beneficiam dos poucos condomínios fechados de luxo.

Desde que uma pessoa esteja empregada pela mesma unidade de trabalho, a habitação que lhe é atribuída costuma ser sua até à morte. As pessoas vivem invariavelmente perto dos colegas de trabalho, o que aumenta a automonitorização da sociedade. Se forem transferidas para uma unidade de trabalho diferente, poderão ter de se mudar. Contudo, as pessoas não esperam algo muito melhor ou maior, visto que praticamente todos os edifícios de apartamentos de Pyongyang são do mesmo tamanho e de qualidade idêntica. Fora da cidade, talvez se consiga uma das chamadas casas «em harmónica», que são casas de estilo coreano, contíguas, e que invariavelmente consistem de três ou quatro edifícios de um só piso, com um quarto e uma cozinha cada. Normalmente, estes são mais adequados a recém-casados ou famílias com apenas um filho. Têm o luxo adicional de um pequeno jardim, o que significa que o casal pode plantar legumes para fortalecer a sua dieta. Os quadros seniores, oficiais do exército, académicos de renome e gestores de empresas poderão obter mais — normalmente, dois quartos, uma varanda, chuveiro, sanita com autoclismo e água quente corrente. Os trabalhadores rurais em quintas

coletivas podem normalmente contar com dois quartos e uma cozinha partilhada num apartamento mais pequeno, ou possivelmente uma casa de campo mais tradicional, ao estilo coreano, com dois ou três quartos.

Tanto na capital como nas províncias, as queixas sobre barulho dos vizinhos são comuns, visto que as paredes dos apartamentos são finas. Os edifícios são sempre gélidos no inverno e muito quentes no verão, visto que o aquecimento central e o ar condicionado são raros. É comum as pessoas chorarem no dia em que se mudam para um novo apartamento e comecem imediatamente a decorar com papel de parede e a pôr oleado no chão (é obrigatório dar uma festa de inauguração, e todos os convidados oferecem pequenas lembranças).

À medida que a escassez de habitação se foi agravando, muitas pessoas começaram a contornar a via oficial. Há relatos de transações de casas clandestinas em Pyongyang, desde meados dos anos 1980. Uma história célebre diz respeito à rua de Kwangbok (Libertação) em Pyongyang, que foi construída para trabalhadores comuns, com 25.000 unidades familiares, embora fosse considerada de qualidade superior, comparada com o fornecimento habitual de alojamento em Pyongyang. Aparentemente, um grupo de norte-coreanos de maiores posses que costumavam viver no Japão e alguns quadros seniores do PTC subornaram os oficiais de gestão urbana com divisa estrangeira e aparelhos eletrónicos e conseguiram os apartamentos para si. Esta história espalhou-se por Pyongyang e causou algum desconforto, o que levou a medidas repressivas, por parte do governo, contra as transações ilegais. Ainda assim, houve outros que encontraram formas de contornar o sistema. Pessoas que abandonaram a RPDC relatam que se pode «comprar» um apartamento com um quarto por 400 dólares americanos e um com três quartos por 1500, embora aparentemente os preços estejam agora a subir repentinamente. Os planos para construir 100.000 novas casas em Pyongyang, como parte da comemoração do centésimo aniversário do nascimento de Kim Il-sung, em 2012, aparentemente não deram frutos e foram cancelados devido à falta de matérias-primas, ao fornecimento inadequado de eletricidade e à fraca qualidade da construção inicial. A escassez de habitação persiste.

À medida que surgia um mercado de habitação não oficial em Pyongyang, no campo, no final dos anos 1990, muitas famílias venderam as suas casas para angariar dinheiro para começar algum tipo de negócio de trocas, comprar bens no mercado negro ou fugir para a China. Por esta altura, os relatos indicam que as casas estavam a ser vendidas por ninharias

como 15 dólares americanos. Para aqueles que precisam de dinheiro para comprar casa, um empréstimo informal do estrangeiro exigirá o pagamento de 20 a 30 por cento em juros anuais — talvez até mesmo 50 por cento por mês. Com a escassez alimentar a piorar, houve relatos de casos de famílias que se tornaram sem-abrigo nas províncias, depois de trocarem os seus direitos de acomodação por alimentos.

## CRACHÁS, BICICLETAS E MODAS

Em Pyongyang, há cada vez mais mulheres a trabalhar em empregos de escritório e colarinho branco; estima-se que constituam 90 por cento dos trabalhadores nas indústrias leves e 80 por cento da mão de obra rural. Muitas mulheres são atualmente o ganha-pão da família — embora continuem a ser donas de casa, mães e cozinheiras, bem como trabalhadoras ou talvez soldados. A maquilhagem é cada vez mais comum em Pyongyang, embora raramente se use antes da obtenção do grau universitário. As loções para a pele são populares, mas por vezes ainda são mal vistas pela Liga da Juventude Socialista local. Nasceram marcas locais, a partir das fábricas de cosméticos de Pyongyang e Sinuiju. Os produtos incluem creme líquido de *ginseng*, embora corram rumores de que não contém realmente *ginseng* (a pasta dos dentes de *ginseng* também não contém). O batom, *eyeliner*, base e loções para a pele produzidos na China estão disponíveis e são aceitáveis no escritório. Muitas mulheres sofrem agora de manchas na pele, visto que a dieta nacional se deteriorou e, conseqüentemente, usam mais maquilhagem. O cabelo comprido é comum, mas o cabelo solto não é bem visto.

Os cortes de cabelo para homem não poderiam ser descritos como radicais. Nos anos 1980, quando Kim Jong-il se tornou uma figura pública, o seu distinto corte militar, conhecido como um «corte de batalha de velocidade», tornou-se popular. Por outro lado, o estilo mais volumoso a que Kim Il-sung e, mais tarde, Kim Jong-il deram preferência, na sua idade mais avançada, é também popular, mas o famoso corte de Kim Jong-un, curto dos lados e atrás, até agora parece não ter inspirado muitos a imitá-lo. Os cabeleireiros e barbeiros são geridos pelo Comité de Gestão de Serviços de Conveniência local. Em muitos desses estabelecimentos, os clientes podem lavar o próprio cabelo. Em 2012, diversos distritos de Pyongyang ficaram sem água corrente durante dois meses, devido a falhas de eletricidade. As pressões económicas levaram ao encerramento de muitos cabeleireiros,

visto que cada vez mais pessoas cortam o cabelo em casa para poupar dinheiro. As mulheres compram frequentemente *kits* de tinta para o cabelo e de ondulações permanentes, feitos na China, em mercados de produtores, e fazem permanentes umas às outras.

Pyongyang é a capital da moda da Coreia do Norte, proporcionando um maior acesso a estilos estrangeiros, muitas vezes do Japão. Foi assim que as calças à boca de sino passaram a estar na moda e que o uso de óculos de sol japoneses se tornou um sinal de ter contactos e estilo. Um relógio japonês indica alguém com um cargo influente, um relógio de luxo do estrangeiro indica um cargo de grande senioridade. A popularidade cada vez maior de marcas como Adidas, Disney e outras — normalmente falsificadas — indica que o acesso a artigos contrabandeados da China está a aumentar. A maior parte da roupa de marca é trazida clandestinamente e vendida a dinheiro. As calças de ganga já estiveram na moda, embora fossem consideradas arriscadas — ocasionalmente foram banidas por serem «decadentes», juntamente com o cabelo comprido nos homens, que chegou a levar a detenções e a um corte de cabelo forçado. A «moda» propriamente dita não é realmente um termo aplicável na Coreia do Norte, visto que o Centro de Investigação do Vestuário, sob a alçada do Departamento da Indústria Têxtil do Comité Nacional das Indústrias Leves desenha a maioria do vestuário. Contudo, as regras foram ligeiramente aligeiradas, visto que as cores vivas são agora permitidas, de acordo com um «estilo de vida socialista».

A roupa — incluindo as meias e a roupa interior — continua a ser de fornecimento escasso, embora a roupa de inverno seja cada vez mais fornecida pelas agências humanitárias. As meias são um problema crónico, sendo que é comum as pessoas embrulharem os pés e guardarem as meias para ocasiões especiais. Uma contribuição única para a moda é o *Vinalon*, que continua a ser bastante comum — um têxtil sintético fabricado a partir de calcário, exclusivamente na Coreia do Norte — e que, embora seja difícil de tingir e tenha tendência para encolher após a lavagem, é usado para fazer a versão norte-coreana do fato cinzento e utilitário, ao estilo de Mao, usado por muitos homens (embora o novo uniforme de camisa branca e gravata preta esteja a tornar-se cada vez mais popular). Apesar dos esforços do Departamento de Gestão da Indústria Têxtil, o *Vinalon* nunca foi um sucesso de exportação; tal como o outro desenvolvimento têxtil do Norte, o *Tetron*. Numa Coreia do Norte altamente estratificada, a roupa representa o estatuto. A posse de um sobretudo ou de sapatos de cabedal, por exemplo, indica a classe social.

Um dos rituais diários de todos os norte-coreanos consiste em certificarem-se de que têm o seu crachá de Kim Il-sung colocado na lapela — um dos poucos delineadores sociais na RPDC. Os crachás ubíquos tanto denotam o estatuto social como são um artigo de moda. As crianças e os adolescentes usam os crachás para aperaltar os seus uniformes escolares. Aos poucos, os crachás de Kim Il-sung foram parcialmente substituídos pelos de Kim Jong-il e agora começam a surgir crachás de Kim Jong-un, embora continuem a ser raros. Os crachás de Kim Il-sung estão em circulação desde o final da década de 1960, quando o Mansudae Art Studio começou a produzi-los para os quadros do partido. A pouco e pouco, tornaram-se um símbolo de estatuto que indica a classe social, além de demonstrarem o crescente culto de personalidade em torno de Kim I. Atualmente, os crachás são usados por todos, e os mais desejados podem trocar de mãos no mercado negro, por várias centenas de KPW. Numa cidade onde as pessoas raramente andam com muito dinheiro e não usam joias, e onde nunca se ouviu falar de cartões de crédito, os crachás de Kim são um dos alvos mais procurados dos carteiristas de Pyongyang.

O crachá que usamos depende de quem somos. As modas e as campanhas mudam, mas, por exemplo, os alunos da Universidade Kim Il-sung usam crachás de Kim Il-sung; os jovens que não pertencem ao partido nem são estudantes usam normalmente crachás da juventude vanguardista; o povo em geral costuma usar crachás generalistas. Os crachás com Kim Jong-il e os crachás mistos, que retratam tanto o Querido Líder como o Grande Líder, são também cada vez mais populares. Visto que são recentes e escassos, acredita-se que os crachás de Kim Jong-un estão reservados apenas para os quadros mais seniores da atualidade. Os crachás são distribuídos gratuitamente, mas a perda de um pode ser um problema, visto que as pessoas têm de explicar o que lhe aconteceu e provar que não tinham qualquer intenção maldosa antes de receberem outro.

O pequeno-almoço costuma ser constituído por papas de cereais ou milho, possivelmente um ovo cozido e iogurte amargo, talvez com leite em pó para as crianças. Depois do pequeno-almoço, é altura de ir trabalhar. A Coreia do Norte tem uma considerável população ativa: aproximadamente 59 por cento do total, em 2010. Muitos trabalhadores deslocam-se de bicicleta, embora estas sejam uma posse valiosa; a maioria desloca-se a pé. Apesar de ser um meio de transporte económico, as bicicletas não têm uma presença avassaladora nas ruas, como se vê nas cidades chinesas. Na década de 1920, apenas 50 por cento dos agregados familiares tinham bicicletas, e

havia bastante procura. Atualmente, graças às importações chinesas, relativamente mais baratas, e à constante escassez de combustível, cerca de 70 por cento dos agregados familiares têm uma bicicleta. Para os residentes de Pyongyang sem bicicleta, a alternativa é o sistema de transportes públicos, barato, mas apinhado. Contudo, os serviços de tróleis e metropolitano sofrem de falhas de energia. Para aqueles que vivem fora da capital, a principal alternativa é caminhar.

Aqueles que têm bicicleta normalmente conduzem uma *Sea Gull*, a não ser que sejam privilegiados e sejam donos de uma bicicleta japonesa importada, em segunda mão. Mesmo uma *Sea Gull* custa o equivalente a vários meses de salário, pelo que é necessário poupar para a comprar. Há marcas mais baratas à disposição, como as *Songchonggang*. Muito recentemente, têm sido avistadas mais bicicletas de fabrico japonês. Os habitantes de Pyongyang têm os seus critérios, pelo que qualquer homem que apareça numa *Sea Gull* para ir buscar a namorada e levá-la a sair será considerado relativamente um bom partido. O oposto não se aplica: as mulheres que conduzam bicicletas ainda são frequentemente criticadas. Em 1999, a televisão da RPDC denunciou as «mulheres de calças a andar de bicicleta» como uma prática contrária às boas maneiras e à moral. Contudo, nos anos mais recentes, o governo aparentemente atenuou as regras para as mulheres ciclistas, pelo que estas são agora mais comuns.

O cenário das ruas de Pyongyang mantém-se constante, embora as árvores de fruto que restam desabrochem na primavera de curta duração, acrescentando-lhe alguma cor. Embora não existam painéis e anúncios publicitários, os pósteres de propaganda são comuns, assim como os sistemas de colunas ao longo das ruas principais e dentro dos complexos habitacionais, além dos camiões nómadas com colunas que transmitem música, *slogans* e notícias sobre política. Nos *slogans*, as modas são passageiras; no entanto, «Longa vida à soberania revolucionária de trabalhadores e agricultores liderados por Kim Jong-il» e «Todos têm de participar na consolidação da soberania revolucionária» são dois *slogans* tradicionais que resistiram ao tempo. «Longa vida ao general Kim Jong-un, o sol cintilante da Coreia do Norte» é obviamente mais recente e denota a intenção do regime em continuar o culto de personalidade para a era de Kim<sup>3</sup>. No atual clima político, os *slogans* que enaltecem o exército e denunciam os EUA continuam em voga. Em dia de eleições, há mais atividade, com bandas militares e equipas de canto da guarda juvenil, além de atuações com uma «dança socialista» que se assemelha a uma polca. No dia das eleições, o voto é obrigatório; daí a percentagem de votos e de aprovação serem de quase cem por



cento. Em setembro de 2003, a reeleição de Kim Jong-il com apoio de cem por cento alegadamente causou cenas de donas de casa a dançar e soldados leais a «bater palmas descontroladamente e a gritar “hurra”», enquanto «as mulheres, vestidas com roupas coloridas, e as crianças, a usar lenços vermelhos, cantaram e dançaram nas ruas decoradas com bandeiras e flores».4 Na verdade, houve algumas ausências, mas as autoridades atribuíram-no ao facto de as pessoas estarem noutra continente, doentes ou terem saído para pescar.

## À PROCURA DA HORA DE PONTA

Pyongyang tem trânsito, e algumas pessoas vão de carro para o emprego, mas os engarrafamentos dificilmente serão um problema. Apesar da relativa falta de carros, as autoridades aplicam rigorosamente as regras de trânsito e passam multas. As multas podem ser equivalentes a duas semanas de salário. A maioria dos carros pertence a organizações do Estado, embora sejam frequentemente utilizados como se fossem propriedade privada. Todos os veículos que entram em Pyongyang devem estar limpos; os donos de carros sujos poderão ser multados. Os camiões estão banidos do centro da cidade durante o dia; são necessários passes noturnos entre as vinte e duas horas e as cinco. Os que viajam para fora de Pyongyang precisam de um certificado de viagem. Há poucas regras de trânsito; no entanto, nas colinas, os carros que sobem têm prioridade, e os camiões não podem ultrapassar carros de passageiros, em quaisquer circunstâncias. A condução sob o efeito de álcool é punida com trabalhos pesados. Uma peculiaridade surpreendente que durou alguns anos foi o facto de a Coreia do Norte ser o único país a ter semáforos com quatro cores (sendo que o quarto era para virar à direita). Contudo, a maioria do controlo de tráfego é agora feita por mulheres sinaleiras (que aparentemente foram escolhidas a dedo por Kim Jong-il, pela sua beleza), visto que os semáforos estão desligados para poupar eletricidade. Ocasionalmente, ainda se veem carros de bois a circular pelos subúrbios de Pyongyang.

Estima-se que haja apenas cerca de 300.000 carros no Norte (por comparação com mais de 19 milhões no Sul). Na sua maioria, estão sob a alçada do partido, dos comités executivos, da Agência de Segurança do Estado, do Ministério de Segurança Pública ou do Ministério Popular das Forças Armadas. As multas de trânsito raramente são aplicadas a carros — invariavelmente modelos antigos de *Mercedes*, *Volvo* ou *Volga* e *ZIL*<sup>5</sup> da era



soviética — pertencentes a estas organizações. É proibido fumar enquanto se conduz, com a justificação de que um condutor que fume não sentirá o cheiro, se houver algum problema no carro — um sinal de que a fiabilidade é questionável nos carros norte-coreanos (muitos condutores trazem sempre uma garrafa de álcool e alguns cigarros para subornos de emergência). O racionamento de gasolina e gasóleo está em vigor, e muitos postos de abastecimento mantêm-se fechados devido à escassez de combustível. O combustível é comprado com cupões, para racionar as reservas; grande parte do que está disponível é de baixo nível de octanas.

Normalmente, as pessoas que saem de Pyongyang viajam de comboio e precisam de um certificado de viagem e cartão de identificação, além de terem de comprar o bilhete com antecedência. Os comboios-expresso, conhecidos como comboios de primeira classe, servem as províncias e as principais cidades. Longe das linhas principais, os carris em mau estado têm levado a que os tempos de viagem aumentem consideravelmente, sendo que a viagem de 193 quilómetros de Pyongyang até Kaesong demora quase seis horas. Devido à escassez de material circulante funcional e à falta de combustível, os comboios estão geralmente em mau estado e invariavelmente apinhados, à exceção dos principais serviços expresso. Desertores recentes relataram que se tornou possível as pessoas deslocarem-se com menos restrições, se os condutores forem subornados, embora continue a haver postos de controlo nas estradas que saem de Pyongyang.

## COMPRAS

Em Pyongyang, as compras são uma atividade incerta. Se uma loja tiver *stock*, voltar mais tarde não é uma opção, visto que estará esgotado. A recente abertura de mais mercados de produtores proporcionou uma fonte de alimentos e outros bens. Um novo mercado, na rua Tong-il de Pyongyang, que abriu em 2003, rapidamente se tornou um destino popular. Vários mercados abrem e fecham por toda a cidade, conforme os *stocks* e os caprichos políticos.

Ocasionalmente, os jornais fazem publicidade a diversos bens, como camisolas de lã, cestos ou pavios para lamparinas a óleo e, por vezes, surgem consignações de diversos produtos, incluindo espelhos, ferramentas, elásticos ou uniformes de Taekwondo, assim como outros artigos do quotidiano, conhecidos como «produtos 8-3» na Coreia do Norte. Os cidadãos

de classificação superior podem entrar nos grandes armazéns destinados a estrangeiros, turistas e quadros seniores. Desde meados da década de 1980, há um setor mais amplo da sociedade a poder fazer compras nestes estabelecimentos, embora muitas vezes seja necessário o uso de divisa estrangeira. Estas lojas costumam ter reservas de bens racionados, como vestuário, artigos desportivos, cigarros, cerveja, talheres e louça, embora as pessoas habitualmente os considerem caros.

De acordo com os desertores, os norte-coreanos querem as «cinco arcas e sete aparelhos». As «cinco arcas» são uma arca para colchas, um guarda-roupa, uma estante de livros, um armário para a louça e um para sapatos. Os «sete aparelhos» incluem um televisor, um frigorífico, uma máquina de lavar, uma ventoinha elétrica, uma máquina de costura, um gravador de cassetes e uma máquina fotográfica. A maioria das pessoas comuns tem dois aparelhos, normalmente um televisor e uma máquina de costura, embora os quadros consigam normalmente acumular um conjunto maior de aparelhos elétricos. As máquinas *KTV* tornaram-se populares nos últimos anos. Os cadernos e livros escolares estão sempre em falta. A posse de um conjunto de aparelhos e vários cobertores quentes é muitas vezes um sinal de que um parente trabalhou no estrangeiro, no extremo leste da Rússia, em campos de corte de madeira ou projetos de construção, ou noutros locais, como a China, onde os trabalhadores podem ganhar até 300 dólares americanos por mês, ou que a família tem acesso ao mercado negro ou recebe remessas de dinheiro de parentes no Japão.

A compra de alimentos é igualmente problemática. Bens essenciais como molho de soja, pasta de grão de soja, sal e óleo, assim como dentífrico, sabão, roupa interior e sapatos, esgotam-se rapidamente. A variedade de alimentos disponíveis é muito restrita. Couve branca, pepino e tomate são os mais comuns; a carne é rara, e os ovos também o são cada vez mais — estes são muitas vezes distribuídos pelas ONG. Quando os talhantes a disponibilizam, a carne é invariavelmente vendida a peso e é alegadamente dura e cheia de nervos. É impossível pedir cortes individuais — a crença geral é de que os melhores vão diretamente para a hierarquia do partido. A qualidade da carne é tão fraca que a maior parte das pessoas pica-a para a tornar mais fácil de digerir. O peixe está disponível, embora raramente seja fresco, e os *stocks* sejam frequentemente pré-embalados. A fruta está normalmente limitada a maçãs e peras. O principal artigo da alimentação norte-coreana é o arroz, embora o pão também esteja disponível de vez em quando, acompanhado por uma

espécie de manteiga que é muitas vezes bafienta e rançosa. Os cereais, o milho e os cogumelos também surgem ocasionalmente.

No final da década de 1980, começaram a aparecer mais bens nos grandes armazéns, o que atraiu números recorde de visitantes que por lá passavam, essencialmente para ver os artigos e criticar os preços elevados. Embora aparecessem mais produtos, a grande maioria dos novos artigos não estava ao alcance dos rendimentos da maior parte das pessoas. No início dos anos 1990, tinham desaparecido das prateleiras. Apesar dos anúncios ocasionais acerca de novo *stock*, estes bens continuam a ser escassos e dispendiosos.

## TRABALHO E ESCOLA

Para uma grande percentagem de norte-coreanos, o dia de trabalho começa por volta das sete e meia, com uma sessão diária de leitura de trinta minutos e, muitas vezes, exercícios antes do início do trabalho propriamente dito. A sessão de leitura inclui receber instruções e estudar o editorial diário nos documentos do partido. A isto, segue-se a distribuição de diretivas acerca de tarefas diárias e anúncios oficiais. O trabalho começa às oito. Pyongyang é o centro da mão de obra de colarinho branco do país, embora, para a maioria das pessoas de fora, um escritório em Pyongyang pareça incrivelmente vazio. Os bancos, empresas e indústrias da RPDC funcionam praticamente sem o uso de computadores, fotocopiadoras e tecnologia moderna de escritório. As folhas de pagamento, os inventários e a contabilidade são invariavelmente feitos à mão.

Ao meio-dia, as fábricas, os escritórios e locais de trabalho fazem uma pausa de uma hora para almoço. Muitos trabalhadores trazem uma lancheira ou, se viverem perto, vão a casa almoçar. Muitos locais de trabalho de maiores dimensões têm uma cantina a servir almoços baratos, como sopa de milho, papas e bolo de milho. A política de se almoçar principalmente nas cantinas do emprego, aliada à falta de restaurantes e lojas de produtos alimentares, significa que a cidade de Pyongyang se mantém estranhamente vazia durante o dia de trabalho, sem o movimento da hora de almoço, como se vê noutras cidades de todo o mundo.

O trabalho termina às dezassete horas, mas as obrigações sociais, não. A maioria das pessoas é obrigada a permanecer no escritório ou na fábrica para a Sessão Comunitária e a Sessão de Aprendizagem diárias. Nas Sessões

Comunitárias, discute-se os resultados do trabalho de cada dia, faz-se uma avaliação do progresso e uma antecipação das tarefas do dia seguinte. A Sessão de Aprendizagem é mais abertamente política e pode incluir uma Sessão de Aprendizagem de Ideologia Política para descrever e disseminar a política do partido. A autocrítica continua a ser popular, assim como a crítica mútua, nas chamadas «sessões de crítica aos colegas». As críticas podem variar entre o atrasar-se constantemente para o trabalho e o desperdiçar recursos nacionais. Todas as críticas se baseiam nos «Dez princípios para estabelecer firmemente a linha de pensamento exclusiva do partido». As Sessões Comunitárias, de Aprendizagem e de Solidariedade são orientadas pelo Sindicato Popular dos Trabalhadores Agrícolas, o Sindicato das Mulheres e a Liga das Crianças. Em dezembro, são realizadas reuniões mais demoradas, para fazer a avaliação anual. Além destas sessões políticas formais, as ocasionais «demonstrações espontâneas» ou marchas são muitas vezes de presença obrigatória.

Os desertores da Coreia do Norte relatam que, embora as sessões políticas continuem a constituir uma parte considerável do quotidiano, o seu rigor e obrigatoriedade foram ligeiramente atenuados desde que a situação económica se deteriorou consideravelmente na década de 1990. A taxa de não-comparência aumentou entre os membros que não pertencem ao partido e que não são tão censurados por faltarem. Muitos acreditam que o partido aceita que os tempos livres das pessoas sejam agora ocupados principalmente na tentativa de encontrar alimentos e em filas. A doença é também um motivo cada vez mais comum para a não-comparência, à medida que aumentaram os casos de tuberculose, hepatite e outras doenças associadas à escassez de alimentos.

Para as crianças, o dia escolar começa com exercícios matinais, ao som de um *medley* de canções populistas, antes de terminar com uma sessão de marcha sem sair do lugar e a saudação à imagem de Kim Jong-il (que aparentemente ainda não foi substituída pela de Kim Jong-un nas escolas). O sistema educativo proporciona um ano de pré-escola, quatro de escola primária e seis de ensino médio e secundário. O currículo baseia-se na Tese sobre Educação Socialista de Kim Il-sung, de 1977, enfatizando o papel político da educação no desenvolvimento do espírito revolucionário. Todas as crianças estudam ao pormenor a vida de Kim Il-sung. Contudo, a política sobrepõe-se a tudo: aprender a ler significa aprender a ler sobre Kim Il-sung; a aula de música inclui cânticos patrióticos. É essencial aprender por repetição e memorizar períodos políticos para ter boas notas, que

ajudam a entrar para a universidade — embora a classificação social seja um determinante mais fiável para a admissão na faculdade. Os filhos dos quadros do PTC têm entrada prioritária na universidade. A Universidade Kim Il-sung especializa-se na formação de quadros do PTC e descreve-se a si mesma como a «sede suprema da ciência Juche». Oferece cursos de Economia, História, Filosofia, Matemática e Biologia, entre outras disciplinas. Cerca de 14 a 16 por cento das crianças fazem algum tipo de pós-graduação. Invariavelmente, após a formatura, o Estado decide onde os licenciados vão trabalhar.

A maior parte das pessoas volta para casa antes das vinte horas e deita-se antes das vinte e duas. A escassez de carros, o facto de as pessoas se deitarem cedo, a quase total ausência de locais de entretenimento, juntamente com as falhas de eletricidade, implicam que por volta da meia-noite Pyongyang seja efetivamente uma cidade-fantasma e assim continue até às seis horas da manhã seguinte.

## AMOR, CASAMENTO E DIVERSÃO

No inverno, ao voltar do emprego, a maior parte das pessoas despe primeiro a roupa da rua e depois vestem camadas de roupa interior e camisolas para reter o calor corporal. Os edifícios de apartamentos de Pyongyang não retêm bem o calor e normalmente têm correntes de ar, o que obriga os habitantes a tapar as janelas com folhas de plástico, numa tentativa de reter algum calor, caso passem o serão em casa. As atividades organizadas e uma vida social são alternativas possíveis, embora sejam rigorosamente controladas.

O futebol é popular, assim como o atletismo e o boxe. Os novos desportos começam a ganhar popularidade, talvez devido aos rumores acerca de Kim Jong-il gostar de ver desportos americanos na televisão por satélite e ao atual interesse de Kim Jong-un pelo basquetebol. O beisebol também voltou a estar em voga. Desde meados da década de 1990, a Coreia do Norte tem uma liga de basquetebol masculino e feminino, inicialmente apoiada por Kim Jong-il, como parte da sua «campanha pelo aumento da altura». Uma canção intitulada «O basquetebol é emocionante» tornou-se popular nessa altura, assim como a Equipa de Basquetebol da Fábrica de Cerveja de Pyongyang, que só incluía donas de casa.<sup>6</sup>

Os meios de comunicação são problemáticos. A maioria das chamadas telefónicas é feita através de telefonistas — um emprego importante. Esta é

uma ocupação de valor para as mulheres (todas são mulheres) e uma forma de obter acesso a rumores e informações antes dos outros trabalhadores comuns. Continua a haver poucas pessoas que tenham o seu próprio telefone, embora o Ministério das Telecomunicações e dos Correios da Coreia tenha o objetivo, a longo prazo, de instalar um telefone em quase todas as casas. Atualmente, os telefones só são instalados para os quadros de alta categoria e para os altos funcionários de empresas e, como tal, são mais oficiais do que privados. Para aumentar o número de instalações telefônicas, é necessário aumentar o número de quadros de distribuição automáticos, o que tornará mais difícil a monitorização das chamadas. Entretanto, aqueles que precisarem de fazer uma chamada podem ir a um departamento telefónico ou posto dos correios, ou, se puderem, usam o telefone no emprego. Pyongyang tem poucas cabines telefônicas públicas. Fazer uma chamada de Pyongyang para as províncias é descrito como falar por um *walkie-talkie*. Fazer chamadas para o estrangeiro é ainda mais problemático e, de qualquer forma, há poucos destinos disponíveis para a maioria das pessoas. Ser simpático e lisonjeiro para a telefonista poderá ajudar a facilitar um pouco o processo. É impossível fazer uma chamada para familiares na Califórnia ou em Seul. As chamadas locais são caras, para desencorajar o abuso do sistema. É possível entregar uma candidatura por escrito para ter um telefone em casa, contendo os dados sobre o local de trabalho, o cargo, o motivo para querer a instalação de um telefone e a indicação de quem vai pagar as contas. Uma forma de contornar este processo, embora seja arriscada, é comprar um telemóvel contrabandeado da China e ligado a uma rede chinesa. Esta novidade causou alarmismo em Pyongyang, visto que com estes telemóveis as pessoas podem fazer chamadas internacionais não monitorizadas.<sup>7</sup>

Muitas outras atividades de baixo custo em Pyongyang são impossíveis para a maioria das pessoas. Apesar de terem sido construídas algumas igrejas para dar a aparência de liberdade religiosa, o culto é fortemente desencorajado e é punido como «superstição», assim como a leitura da sina.<sup>8</sup> Os animais de estimação são raros, e as autoridades baniram os cães em casa para manter a cidade de Pyongyang limpa, embora os quadros seniores tenham cães. Os cães são permitidos no campo, e algumas pessoas fazem dinheiro extra a criar cães para vender. Os gatos são mais comuns, embora, mais uma vez, só os quadros seniores é que costumam tê-los. A posse de animais de estimação é suscetível às mudanças na corrente política — aparentemente, Kim Il-sung gostava de cães, e aqueles que ele criou pessoalmente foram levados para o Zoo de Pyongyang quando este faleceu.

Quando o 13.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes foi realizado em Pyongyang, em 1989, Kim Jong-il permitiu cães em público, além de ter deixado que as mulheres usassem colares para mostrar até que ponto a Coreia do Norte era liberal.

Há alguma criminalidade de rua em Pyongyang, embora de baixa incidência, se compararmos com a maioria das capitais. Embora as autoridades eliminem regularmente os «indesejáveis» da cidade — o que significa que não se veem vendedores ilegais, mendigos e prostitutas —, Pyongyang tem uma subclasse de criminosos que remonta aos dias da ocupação japonesa. Entre os coreanos residentes no Japão que se mudaram para a Coreia do Norte na década de 1960, havia alguns que pertenciam à Yakuza ou a outras organizações criminosas, e estes gangues existem desde então. As autoridades tomaram medidas contra eles, sendo que há relatos de que a maioria das famílias de criminosos foram «realojadas» em zonas mineiras, na província de Hamgyong e noutras cidades provincianas. Hamhung, a capital da província Hamgyong Sul, é a capital do crime da RPDC, onde aparentemente os gangues assaltam as pessoas regularmente e onde foram reportadas várias mortes. Segundo relatos, viajar para Hamhung é uma aventura arriscada, visto que os gangues vigiam a estação, em busca de possíveis vítimas. A violência e o furto de bagagens são comuns. Contudo, os assaltantes são normalmente criminosos de baixa categoria; a troca de divisa estrangeira e o contrabando no mercado negro são atos criminosos muito mais rentáveis. Há relatos de que os mercados de agricultores se tornaram centros de operação para uma nova estirpe de extorsionistas que obrigam os vendedores a pagar em troca de proteção. Em Pyongyang, o crime é visto normalmente como um problema das províncias, embora esteja atualmente a afetar turistas e quadros que estejam de visita.<sup>9</sup> Estes criminosos de província, que se aproveitam do facto de estarem longe de Pyongyang, que é vigiada mais de perto, têm um ditado: «A lei está longe, mas o punho está perto.» Devido à escassez constante de alimentos, a atividade dos contrabandistas aumentou: sabe-se que existem gangues em Sunchon, Chongjin, Nampo, Sinuiju e Anju, assim como em Hamhung. Ocasionalmente, os meios de comunicação oficiais relatam que um criminoso condenado por furto foi executado.

Os criminosos, que têm um rendimento superior ao de muitas pessoas comuns, não se preocupam muito com política. Têm melhor roupa, muitas vezes calças de ganga japonesas, e usam o símbolo universal da rebelião e do estatuto de marginal: o cabelo comprido. Contudo, embora possam fumar

cigarros estrangeiros como os da *Marlboro* e *Mild Seven*, continuam a usar o crachá obrigatório do partido — mas, para os criminosos, os crachás mais caros, de Kim Il-sung, são muitas vezes exibidos como símbolos de riqueza e poder. Os gangues têm nomes como Família Doninha, Família Coruja e Família Barata. Embora vivam nas cidades das províncias, cada vez mais viajam para Pyongyang, tendo como alvo o metro e os terminais de autocarros. Com o agravamento da situação económica, estes gangues estão aparentemente a aumentar de número, ao formarem alianças com redes de tráfico nipónico-coreanas e com vendedores do mercado negro ao longo das áreas fronteiriças.

O tabaco é um prazer barato. Visto que é cada vez mais escasso, as pessoas enrolam os próprios cigarros. Fumar pode ser um pequeno ato de resistência, visto que se considera que o melhor papel de enrolar é o jornal diário do Partido dos Trabalhadores. O tabaco de enrolar pode comprar-se na rua, a velhinhas que afirmam que o seu tabaco é mais forte do que o da vendedora seguinte. Alguns residentes rurais plantam a sua própria espécie de folha de tabaco, para uso pessoal ou para ganhar um rendimento extra. Os líderes do partido recebem um fornecimento de 30 a 35 maços de cigarros por mês. Os cigarros estrangeiros têm de ser comprados no mercado negro ou numa loja de artigos estrangeiros. Tradicionalmente, a marca *Rothmans* sempre foi ligeiramente mais cara, devido ao rumor de que era a marca que Kim Jong-il fumava, antes de deixar o vício publicamente, em 1999. Há uma versão de imitação da marca, chamada *Paektusan*. Kim Jong-un já foi fotografado a fumar, embora se desconheça a marca.

À noite, as mulheres continuam em grande parte a trabalhar em casa. Apesar de ser «comunista» a nível político, a Coreia do Norte é também extremamente tradicionalista. Consequentemente, as mulheres na Coreia do Norte são trabalhadoras, mães e donas de casa. Após um dia de trabalho, ainda têm de cuidar dos filhos, fazer a lida da casa, cozinhar e fazer outras tarefas. Fora de Pyongyang, a jardinagem e os cuidados dos animais de estimação são da responsabilidade da mulher. Embora as mulheres sejam oficialmente descritas como «as rodas que impulsionam a revolução», normalmente estas têm empregos de categoria inferior, com perspectivas limitadas de promoção. Por outro lado, as mulheres participam numa grande percentagem da agricultura, na Coreia do Norte. As mulheres solteiras, acima de uma certa idade, são raras; ser solteirona não é visto com bons olhos. A responsabilidade de arranjar um par e oferecer um dote é da família da noiva. Normalmente, os casamentos são combinados e assentam em motivos



políticos, embora em Pyongyang o casamento por amor seja um conceito cada vez mais popular, e as combinações sejam agora menos comuns. Os nativos de Pyongyang podem ser pretensiosos; casar com um «homem do campo» é considerado algo impossível para a maioria das mulheres, visto que isso implicaria abandonar Pyongyang e ir para o campo, além de descerem na escala social. O partido fez uma campanha para encorajar mais uniões amorosas e censurou oficialmente os quadros por criticarem aqueles que são vistos a namorar em plena luz do dia. Contudo, em algumas zonas do interior, onde a preferência por herdeiros significa que continua a haver mais homens do que mulheres, há muito tempo que existem poucas noivas disponíveis, pelo que os casamentos combinados continuam a ser uma ocorrência comum.

Para uma mulher casada, o divórcio é uma decisão de grande importância. As mulheres divorciadas são discriminadas, e os tribunais costumam favorecer os maridos. Voltar a casar é algo problemático, embora as mulheres dos escalões mais altos da sociedade estejam cada vez mais divorciar-se e a viver de forma independente. Para a maioria das mulheres, ser uma solteirona é algo impensável. Ainda assim, a Coreia do Norte criou algumas Casas de Acolhimento para Solteiras, visto que estas não conseguiam obter alojamento nessa condição.

As mulheres representavam três quartos de todos os norte-coreanos que fugiram para a China em 1997 e se declararam. Continuam a abandonar o país e continuam a constituir a maioria dos refugiados. Muitas acabam na indústria do sexo chinesa, mas ainda assim declaram que não querem voltar à RPDC. O rapto de noivas é um problema cada vez maior, com os gangues organizados a raptarem mulheres para servirem de esposas para os agricultores chineses; segundo relatos, as mulheres são vendidas por 275 a 300 dólares.

Outra área da vida pessoal que resiste ao controlo governamental é o sexo. O governo quer taxas de natalidade continuamente elevadas, mas com a atual crise económica, a escassez de alimentos e o excesso de população, há cada vez mais mulheres a fazer abortos.<sup>10</sup> Os preservativos são difíceis de obter (embora os chineses estejam disponíveis no mercado negro) e outros métodos contraceptivos são raros, muitas vezes ineficazes e de má qualidade, como o «loop», produzido localmente. A contraceção é vista como um problema das mulheres; contudo, estas aprendem o mínimo da educação sexual, que na escola se chama «senso comum sanitário». A forma mais eficaz de contraceção é o facto de que muitas pessoas vivem com os sogros, e as

paredes são finas como papel. O aborto é algo que não é encorajado; no entanto, é possível fazer um aborto ilegal, além de haver inúmeras mezinhas das «mulheres dos agricultores» para evitar bebês indesejados. Ainda assim, as mulheres continuam a ser politicamente ativas — 40 por cento dos membros do partido são mulheres (por comparação com 12 a 15 por cento da população total) — e chegam mesmo a tornar-se médicas, professoras e trabalhadoras do ramo da cultura.

Em Pyongyang, há poucas opções de entretenimento formal. A cidade tem cerca de oito cinemas, embora muitos fechem cedo devido à falta de energia. A Feira Popular de Yongdae continua fechada, assim como muitos teatros. Todos os cinemas mostram filmes produzidos localmente, cuja qualidade está a melhorar, pois os estúdios cinematográficos, como o Chosun Artist Film Studio, tentam cada vez mais competir com a indústria cinematográfica da Coreia do Sul. Os filmes caseiros são mostrados na televisão, e algumas empresas de maior dimensão passam filmes para os seus funcionários. Na cidade mais cosmopolita, Pyongyang, por vezes é possível ver um filme estrangeiro, invariavelmente um filme antigo, chinês ou soviético; os bilhetes costumam ser distribuídos a trabalhadores influentes e não existem com grande disponibilidade. A programação normal no cinema é extremamente propagandista, como são os exemplos de *Mar de Sangue*, *O Destino de Um Homem do Corpo de Autodefesa*, *Chamas Que Se Espalham pelo Território*, *O Secretário-Geral do Partido do Condado*, *Notas de Uma Mulher-Soldado* ou o recente êxito *Para lá da Alegria e da Tristeza*, que inclui o primeiro beijo no ecrã alguma vez visto na Coreia do Norte. Os enredos habituais descrevem a perfídia da Coreia do Sul ou dos Estados Unidos e terminam com uma vitória do KPA.

Para quem quiser refrescar-se, há cada vez mais quiosques de rua que vendem bebidas produzidas localmente, como a cola da Fábrica de Bebidas Gaseificadas de Kyongryon Aeguk e a *Calpis*, uma água doce e leitosa, além da cerveja *Taedonggang*. As bebidas com sabor a fruta são populares, incluindo as de pera, assim como a *omija*, uma bebida leitosa feita a partir de feijões. Além disso, pode encontrar-se gelado produzido localmente, ligeiramente insípido.

Os feriados são raros, apesar de haver uma longa lista de aniversários e ocasiões comemorativas. Quatro ou cinco feriados por ano parecem ser a norma, por altura do aniversário de Kim Jong-il, do aniversário da fundação da RPDC e do aniversário de Kim Il-sung, quando os pais oferecem biscoitos e doces aos filhos. Certo ano, muitos residentes de Pyongyang receberam cobertores de inverno e relógios de parede, enquanto os soldados

receberam relógios de pulso.<sup>11</sup> Nestas raras ocasiões, a beira-rio e os parques de Pyongyang ficam apinhados, e os quiosques de rua fazem bons negócios. Domingo é «dia de caminhar», com os transportes públicos em horário reduzido. A música ao vivo é normalmente tocada por Trupes de Propaganda Artística que cantam baladas populares (*pansori*) que expressam sentimentos revolucionários. Em 2003, o governo lançou uma campanha pelas caminhadas, incitando os estudantes a caminhar a pé para a escola e os adultos a caminhar para o emprego por «motivos de saúde».

O entretenimento caseiro inclui basicamente a televisão, que se tornou mais comum, embora continue a ser rigorosamente censurada pelo poderoso Departamento da Agitação e Propaganda do PTC, que publica guias mensais para a cobertura dos meios de comunicação. Os cidadãos são obrigados a reportar a compra de rádios e televisores. As autoridades controlam os canais, e sabe-se que fazem inspeções para garantir que os televisores estão ligados apenas para transmitir a programação oficial. À exceção de certas categorias oficiais, a posse de jornais, revistas e livros estrangeiros é proibida. Contudo, algumas notícias do mundo exterior acabam por passar, com algumas limitações, através de rádios de onda curta, que são ilegais. A popularidade das canções sul-coreanas e de baladas japonesas mais antigas, desprezadas pelos líderes como «canções de trautear», e a sua distribuição nos anos mais recentes são prova disso mesmo.

Há outros sinais de que a sociedade da RPDC poderá estar a mudar. O jornal japonês *Sankei Shimbun* obteve um documento de dezasseis páginas do PTC<sup>12</sup>, distribuído aos altos funcionários em 2012, que continha ideias a ser abordadas em discursos ao público. O documento afirmava: «As mulheres andam a usar maquilhagem de estilo estrangeiro nos lábios e nas pestanas e a vestir “saias curtas”.» Acrescentava ainda que o número de divórcios estava a aumentar e que as videntes estavam a ganhar popularidade. O documento também revelava que quem tinha rádio cada vez mais ouvia transmissões da Coreia do Sul e de outros países vizinhos, enquanto os jovens andavam a decorar canções sul-coreanas e se gabavam disso.

Por vezes, as mudanças podem ser pequenas, mas reveladoras. Em 2003, Kim Jong-il aumentou oficialmente o racionamento de pão nas universidades norte-coreanas para que estas pudessem incluir hambúrgueres na ementa.<sup>13</sup> A abertura dos bares de hambúrgueres (e o seu encerramento, pouco depois) são um marco da cobertura da KCNA. Adicionalmente, em outubro de 2003, abriu a primeira fábrica de pastilhas elásticas de Pyongyang. As pastilhas tinham sido consideradas um produto capitalista inútil, mas

a nova fábrica afirma estar a produzir 1200 toneladas por ano. Outro sinal de mudança é o aparecimento de uma rede de telemóveis GSM que cobre Pyongyang, Nampo e Rason Free Port. Segundo a RPDC, foram vendidos 2000 telemóveis em Pyongyang, entre novembro de 2002 e agosto de 2003<sup>14</sup>. A Koryolink, cuja proprietária é a firma egípcia Orascom, afirmou fornecer serviços móveis a mais de 600.000 norte-coreanos desde junho de 2011. E, após vários anos praticamente sem acesso à Internet (apesar de algumas ligações através de Shenyang, na China), a KCNA anunciou o lançamento de um novo serviço de Internet em 2003, a ser gerido pelo Centro de Comunicações Internacionais do Norte e supostamente garantindo um *e-mail* seguro, sem custos<sup>15</sup>. No entanto, a Internet continua a não existir para a grande maioria dos norte-coreanos.

Embora certas mudanças como batons, pastilhas elásticas e canções *pop* possam ser sinais de uma sociedade mais divergente, o facto de o uso de telemóvel e da Internet estar limitado apenas à elite, em vez de demonstrar uma reforma estrutural, reflete apenas o modo como uma elite arreigada consegue contornar a infraestrutura de estado em colapso, à medida que as suas necessidades se agravam.

## VIVER NA TERRA DA FELICIDADE ABSOLUTA

Evidentemente, a Coreia do Norte é um país em que maioria dos cidadãos enfrenta dificuldades e privações. Em outubro de 1962, na Primeira Sessão da Terceira Assembleia Popular Suprema, Kim Il-sung afirmou que «todos irão viver em casas com telhado de lousa, com uma tigela quente de arroz e sopa de carne a cada refeição, após a conclusão do plano de desenvolvimento dos próximos sete anos». Em 1979, Kim também afirmou: «[A RPDC é um país onde] o nosso povo desfruta ao máximo de uma vida feliz, sem quaisquer preocupações acerca de alimentos, roupa, cuidados médicos e educação. Não há melhor “paraíso” nem melhor “terra de felicidade absoluta” que o nosso país.» Claramente, estes objetivos não foram cumpridos. Pyongyang continua a ser uma cidade ordeira, tal como grande parte da Coreia do Norte, em comparação com as multidões que se amontoam pelas ruas cada vez mais comerciais e sofisticadas da China. As ruas geralmente calmas e limpas são o traço distintivo de Pyongyang, em contraste com Pequim, Xangai e Guangzhou, que, embora continuem nominalmente comunistas, têm gigantescos centros de comércio, com uma miríade de azáfama e pequenos

negócios. O contraste com Seul é ainda mais notório. A democracia, evidentemente, é completamente inexistente; embora as pessoas possam saber quem é o seu representante local, raramente fazem ideia de quem governa sequer os distritos vizinhos.

Em Pyongyang, os cuidados de saúde são cada vez mais problemáticos, devido à escassez de antibióticos e de equipamento médico básico, como estetoscópios e pensos rápidos. Embora haja relatos de os hospitais serem geralmente limpos, as reservas são escassas e o equipamento é antiquado. As pessoas começaram a confiar cada vez mais na medicina tradicional e natural, devido à escassez de medicamentos modernos. As falhas de eletricidade também afetam os hospitais: a Cruz Vermelha estima que apenas 50 por cento das operações essenciais sejam realizadas durante os meses de inverno, quando as temperaturas em Pyongyang podem chegar aos 20 graus negativos. A maioria dos hospitais está sobrecarregada. Por exemplo, o Hospital Sariwon, perto de Pyongyang, que abrange uma zona com mais de 1,6 milhões de pessoas, sofre aparentemente de falta de energia, medicamentos e ambulâncias.<sup>16</sup> Nos anos 1990, além da fome, a Coreia do Norte assistiu a epidemias de tuberculose e cólera, além de taxas crescentes de hepatite, malária, disenteria e problemas gerais associados à carência de vitaminas e àquilo a que as agências de solidariedade chamam «grave perturbação nutricional». A má qualidade da água potável e a cada vez mais comum escassez de água em geral significam que o número de doenças transmitidas pela água é elevado, assim como o de doenças respiratórias e outras associadas à poluição.

O facto de que a higiene pessoal também se está a tornar um problema grave devido à escassez de água também se torna evidente na Decisão Oficial N.º 20 do governo, que apela à erradicação de pulgas e piolhos, que aparentemente se tornaram um problema grave. Além disso, a higiene é afetada pelas falhas de água e pelo encerramento de diversos banhos públicos, que em tempos foram comuns em todo o país. De acordo com o Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários (OCHA) da ONU na Coreia do Norte, apenas 25 a 50 por cento da população pode contar com água canalizada, havendo muitos canos partidos ou contaminados e poços comunitários que não funcionam.

Para aqueles que contestam o sistema norte-coreano, as multas são pesadas. Para os norte-coreanos, os campos de reeducação política são uma ameaça real, além da tortura e dos trabalhos forçados. As estimativas do número de campos variam entre as dez e as quinze instituições de larga escala, que detêm, no total, entre 200.000 e 250.000 prisioneiros. Em 2002, a

revista *Far Eastern Economic Review*<sup>17</sup> revelou fotos de satélite de um campo, o Campo N.º 22, perto de Hoeryong, onde estariam detidas 50.000 pessoas cujos crimes variavam entre a falta de respeito pela liderança e defeitos no historial da família. Pyongyang não admite a existência destes campos. A grande maioria dos prisioneiros é detida devido a acusações políticas e envolve-se em trabalho agrícola, fabril ou mineiro. Segundo relatos, o número de execuções aumentou na década de 1990, em parte como resposta à quebra na ordem social durante a fome. De acordo com o Departamento de Democracia, Direitos Humanos e Trabalho dos EUA, «estima-se que haja 200.000 presos políticos detidos na RPDC», embora a especulação acerca do número exato seja comum. O relatório aponta que:

As prisioneiras fizeram abortos forçados e, noutros casos, há relatos de bebés terem sido assassinados à nascença. A execução é uma pena comum para pequenos delitos. A pena capital e a confiscação de bens são usadas para uma gama de «crimes contra a revolução», incluindo a deserção, a tentativa de deserção, a difamação do Partido ou do Estado, e a escuta de transmissões do estrangeiro.<sup>18</sup>

O efeito generalizado do ambiente repressivo é que se torna impossível ficar calado na RPDC e não mostrar abertamente o apoio ao regime; nem é possível criar um domínio notoriamente privado — toda a vida deve ser vivida dentro do consenso do Juche socialista. O sistema de punição é ainda reforçado pela política do *yongoje*, ou expurgação familiar, em que qualquer crime de um indivíduo leva à discriminação contra a família e os colegas mais próximos do transgressor. Isto reforça um ambiente de autocensura. Testemunhos de desertores indicam que o nível de autocensura é superior ao de outros Estados, como a China, onde as pessoas ainda têm duas formas de se exprimirem: uma para falar com a família e amigos e outra para falar com qualquer outra pessoa — a chamada conversa política *standard*, ou aquilo a que os chineses chamam *biaozhun shuyu*.

O sinólogo Perry Link descreveu a situação na China como «um sistema de controlo essencialmente psicológico que depende principalmente da autocensura», no qual as autoridades podem punir e fazer detenções, mas a intimidação e o controlo baseiam-se essencialmente no medo de que isto aconteça. Embora este sistema possa começar agora a desmoronar-se

na China, mantém-se rígido e em vigor na Coreia do Norte, onde ainda se encoraja as pessoas a denunciarem familiares e colegas.<sup>19</sup> É também um sistema mais abrangente, muitas vezes estendendo-se a várias gerações da mesma família, em busca de «traços suspeitos». As pessoas são divididas em três grupos: a classe central, a classe instável e a classe hostil. Dentro de cada classe, há várias subclasses. Mudar de classe é difícil, ao passo que as rações, a educação, o trabalho, os cuidados de saúde, a habitação e o acesso a bens dependem, até certo ponto, da classe atribuída.<sup>20</sup>

A sociedade está sob monitorização constante do Ministério da Segurança Popular (MPS) e do Departamento de Segurança do Estado (SSD) — sendo ambos a efetiva guarda pretoriana do regime — e, a nível local, dos *bans* ou comités de rua. Consequentemente, a maioria das pessoas mantém a cabeça baixa e esforça-se ao máximo por cuidar de si mesma e da sua família. Este é o padrão de vida da maioria das pessoas, apesar dos esporádicos relatos de ataques a quadros, conspirações para fazer golpes de Estado e apedrejamento de carros da elite em Pyongyang; outros simplesmente decidem abandonar o país e caminhar até à China.

Atualmente, nenhum governo do mundo é mais fechado, desconfiado e adverso ao contacto internacional do que Pyongyang. A sobrepor-se a todo o sistema social está o conceito político nacional do Juche. Para compreender totalmente o raciocínio político da economia do Norte, a sua ênfase na tradição militar e a sua relação com o resto do mundo, é crucial avaliar as bases teóricas do Juche, bem como a sua aplicação e efeito no desenvolvimento do país.